

A VOZ DE

MELGAÇO



TAXA PAGA
MAXIMINOS - BRAGA
PORTUGAL

DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO L — Nº 1052
1 de Junho de 1996

QUINZENÁRIO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 100\$00
Tiragem da última edição
1.700 exemplares

PORTUGAL
PORTE PAGO

Comemorando 50 anos de vida!

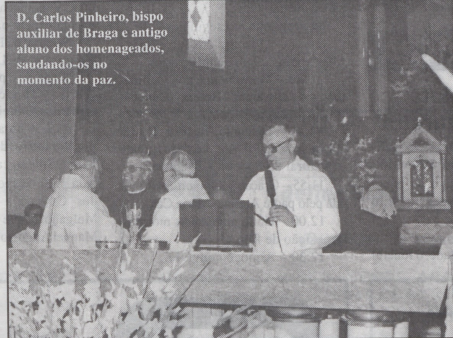
Quis a Providência Divina brindar-nos com as melhores prendas, por ocasião das celebrações destes 50 anos de vida do jornal: — homenagem a dois dos fundadores do jornal, neles se incluindo o que é nosso Director desde o primeiro número; publicação de dois livros sobre Melgaço, suas terras, potencialidades e suas gentes (até final do ano em curso, se Deus der vida e saúde aos dois fundadores); número de aniversário excepcional; recordação e sufrágio dos que, tendo dado muito ao jornal, já descansam na Mansão Divina, sendo um dos momentos na Senhora da Penada, a cujos pés colocamos o ramo de flores desta caminhada; almoço de convívio com os colaboradores e amigos, em finais de Agosto.

Ninguém esperava que, após 30 anos de cessação da actividade docente nos seminários de Braga; tendo em conta todas as vicissitudes dos anos 70, em que quase tudo se conjugou para calarem de voz "A Voz de Melgaço"; estando hoje os P.º Vaz — Júlio Hilarião e António Luís — com 80 e 85 anos, respectivamente, não estando a desempenhar actividades que pudessem, de algum modo, obrigar as pessoas a estar presentes, que mais não fosse, por cortesia e para não ficar mal; não tendo eles benesses ou cargos para

oferecer, ninguém esperaria, dizíamos, que um grupo de antigos alunos dos seminários levasse a efeito a homenagem prestada em 18 de Maio.

A Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga (ASSASB), a Associação Portuguesa de Imprensa Regional (APIR) e o Instituto Português de Imprensa Regional, associações lideradas por antigos alunos dos

católico e regionalista. Até nisso o nosso jornal se antecipou ao Vaticano II, pois, bem antes dele, os seus mentores tinham consciência da importância dos meios de comunicação de inspiração cristã para dar sentido ao trabalho dos homens e contribuir para evitar a degradação moral dos povos e das democracias.



D. Carlos Pinheiro, bispo auxiliar de Braga e antigo aluno dos homenageados, saudando-os no momento da paz.

UMA MISSA DIFERENTE

O primeiro acto da homenagem foi uma eucaristia solenizada, na ampla Igreja do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, seminário onde os dois homenageados foram professores. Presidiu à celebração de mais de 40 sacerdotes, o Cónego António Luís Vaz,

homenageados, resolveram levar a efeito a homenagem e num dia que não podia ser melhor escolhido: fazia 76 anos o Papa João Paulo II, celebrava-se o XXX dia Mundial das Comunicações Sociais e era Festa da Ascensão do Senhor. E foi precisamente em dia da Ascensão, embora nesse ano caísse uns dias mais tarde, 30 de Maio de 1946, que foi publicado o primeiro número de "A Voz de Melgaço" jornal que se quis, desde a primeira hora,

tendo o senhor arcebispo, D. Eurico, estado presente, bem como o senhor bispo auxiliar, D. Carlos Pinheiro, antigo aluno dos homenageados. Dirigi a numerosa assembleia, o sobrinho, Dr. Carlos Nuno, tendo o coral da Senhora-a-Branca solenizado a celebração com cânticos apropriados, sendo 5 deles da autoria do Dr. Júlio Vaz, Director do Coro e sobrinho dos homenageados.

Cont. na pág. 6

UMA OPINIÃO COM ASSINATURA RECONHECIDA

António e Júlio Vaz - Dois Homens - Dois Padres

Numerosos amigos, ex-alunos e admiradores de todo o País, prestam hoje merecida homenagem de consagração a dois Homens de corpo inteiro que são também dois padres dedicados à missão sacerdotal com toda a alma — o Cónego António Vaz e o Padre Júlio Vaz.

Irmãos de sangue, sempre foram irmãos na integridade de carácter, na frontalidade das opiniões, na enérgica determinação em defesa dos seus valores, na perseverança e coragem nas batalhas que a vida os obrigou a travar.

Melgacenses dos quatro costados, forjaram o seu temperamento com a educação recebida no berço natal, com a herança moral que souberam valorizar e com as marcas de voluntariedade e tenacidade que uma terra agreste e solitária sempre transmite aos seus filhos cujo carácter tem forçosamente de moldar.

Estas rijas qualidades não os levaram a insubordinações ou rebeldias, quando foram vítimas de incompreensões e injustiças, masaju-

daram-nos a suportá-las com estoicismo, dignidade varonil e fortaleza cristã.

Também essas virtudes, próprias das indoles fortes, não os fizeram descambar para a arrogância, a intolerância, a prepotência, o fanatismo, a deserção, como algumas vezes, acontece com os indivíduos autoconfiantes.

Antes pelo contrário; firmes nas posições, mas elegantes no combate; frontais nas atitudes, mas delicados com os opositores; exigentes para consigo, mas tolerantes e compreensivos para com os outros; discordantes dos erros dos amigos, mas nunca lhes negando a compreensão e amizade — os Padres Vaz impuseram-se à consideração e respeito de amigos e adversários sem necessidade de abdicção, transigências ou atitudes de desrespeito.

Podemos discordar de muitas das suas opções em várias matérias opinativas, mas sempre temos de louvar a sua boa-fé, a lisura de processos, a

Cont. na pág. 11

Aos queridos professores, insígnies jornalistas e nossos irmãos Ilustres do Presbitério diocesano, *Senhores Padres Vaz*

HOMENAGEM

Pastores, pedagogos, homens bons, Trazem a marca que lhes deu o ser: Um universo de valores Cristãos Que vem da origem que os viu nascer.

E servem com amor nos corações A Deus e aos homens com total querer Sem rendas, nem seguros, nem pensões, Vendo no mundo a vida entardecer.

Homens de Fé, com âncoras na vida, A cumprir a promessa acontécida, Exemplos fortes de fidelidade;

A Mãe do Céu os beije com carinho E Jesus guarde sempre, no caminho, Estes seus filhos para a Eternidade.

Maio de 1996
P.º Valdemar Gonçalves

Bodas de Ouro de "A VOZ DE MELGAÇO"



P. Manuel António Bernardo



P. Justino Domingues

Em 30 de Maio de 1946 saiu o primeiro número de "A Voz de Melgaço" e com o presente número festeja as Bodas de Ouro, os 50 anos de existência.

A razão da data "30 de Maio" em vez do dia 1 de Junho, foi simples: o dia 30 de Maio era o dia da Ascensão de Nosso Senhor e, porque o nosso jornal aparecia sob o lema "Quinzenário Católico e Regionalista" quisemos antecipar a data para esse grande dia.

O artigo de fundo intitulava-se "Vai com Deus". Há 50 anos que Deus nos tem ajudado e protegido, não obstante as muitas dificuldades por que passa, sempre, a imprensa, momentaneamente a imprensa regional, dificultada.

Cont. na pág. 8

PARABÉNS VOZ DE MELGAÇO! Ano L - Nº 1052 1 de Junho de 1996

Atinge agora "A Voz de Melgaço", o seu 50º aniversário. O facto merece, que mais não seja, uma pausa para reflexão. A outros caberá porventura o balanço do que estes 50 anos significam.

Em 50 anos, e ao longo de 1052 números, a Voz de Melgaço, tem sido a Voz de muitos que não a têm e a Voz de todos aqueles que a querem expressar nas suas páginas. Mais, a Voz de Melgaço, tem sido a ponte entre Melgaço e os Melgacenses que vivem e trabalham nas diferentes partes do mundo.

Penso ser indispensável a consulta de milhares das suas páginas para se compreender melhor a história do nosso conceito. Conviniente será ainda acrescentar que a importância da Voz de Melgaço muito se deve ao facto de ser um jornal impermeável a quaisquer grupos de pressão. Mas a sua afortunada existência temos que agradecer a aos seus fundadores e proprietários.

Assim foi sempre a Voz de Melgaço.

Assim continue a ser.
Manuel A. Esteves

Da Vila e Concelho

Melgacense radicado no Brasil visitou a sua terra

De visita a seus familiares, esteve entre nós durante alguns dias o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Manuel Boleixo da Conceição, conceituado, proprietário da Rede de Lojas (U.F.O.S. - Son) "Instrumentos Musicais" na cidade de S. Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, onde está radicado há muitos anos.

Ao nosso amigo, um abraço e os nossos cumprimentos.

16º Aniversário - Dr. António Cândido Esteves

No próximo dia 7 de Julho, ocorre o 16º aniversário do falecimento do saudoso e ilustre melgacense Dr. António Cândido Esteves, que foi o decano dos médicos da nossa terra e Director Clínico do Hospital da Misericórdia desta vila durante muitos anos, pessoa de muito prestígio a quem o povo de Melgaço, terra onde era conhecido pela carinhosa designação de "O Médico dos Pobres" muito deve, por se entregar generosamente a cuidar dos doentes mais carenciados, sem esperar deles qualquer contributo e que muito o estimavam.

Nesse dia, na Igreja Matriz, será celebrada missa por sua alma.

Viagem Inesperada

Pelo motivo do falecimento de seu pai, deslocaram-se de França a esta vila os nossos estimados assinantes senhores Manuel Cardoso da Costa, José Cardoso da Costa e Luís Cardoso da Costa, acompanhados de suas esposas senhoras D. Jeanine da Costa, D. Martine da Costa e D. Encarnação da Costa.

Aniversários

Festjeou o seu aniversário natalício a Sra. Dra. D. Fernanda Neves Vaz, esposa do nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. Abel Augusto Vaz, Dg.^o Conservador do Registo Civil e Predial desta vila e advogado.

Também festejou o seu aniversário natalício a nossa conterrânea Sra. D. Maria Helena Ferreira do Paço Pinto, esposa do Sr. António Manuel Pinto, residentes na Suíça.

Felicitemos as aniversariantes, com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

Domingos da Rocha

Acompanhado de sua esposa, esteve entre nós durante alguns dias, de visita a seus familiares, o nosso amigo conterrâneo e estimado assinante Sr. Domingos da Rocha, residentes em Lisboa, há muitos anos.

Os nossos cumprimentos.

Casamento Elegante

Na Capela de S. João Baptista da Casa dos Casais da freguesia da Gemeira, em Ponte de Lima, realizou-se com toda a sumptuosidade o enlace matrimonial da nossa conterrânea Dra. Maria Teresa Esteves Sousa Menezes, advogada no Porto, filha do nosso estimado assinante Sr. Dr. Rui Manuel Lisboa Sousa Menezes e da nossa conterrânea Sra. Professora D. Maria Cândida Cunha Esteves Sousa Menezes, com o Dr. Francisco da Silva Reis Lima, Professor Universitário e advogado no Porto, filho dos advogados da cidade do Porto, Sr. Dr. Francisco Fernandes Reis Lima e da Sra. Dra. D. Maria Esperança da Cunha Reis Lima.

Foram padrinhos por parte da noiva

seus tios, Sr. Óscar Marinho, Inspector dos oficiais de Justiça e sua esposa Sra. D. Maria Amarda Cunha Esteves Marinho, e por parte do noivo seus tios Sr. Professor Doutor Eduardo Pinto Ferreira, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e sua esposa Sra. Dra. Manuela Pinto Ferreira (Médica).

Presidiu às cerimónias e celebrou a Santa Missa o Rev. P.^o Baelcar, acolitado pelo Rev. P.^o Anselmo, que à Homília numa simples alocução, enalteceu as boas qualidades dos nubentes.

No fim do acto o cortejo nupcial, dirigiu-se para o "Solar dos Casais", propriedade dos pais da noiva, onde foi servido um lauto e bem requintado almoço a cerca de cento e cinquenta pessoas, fornecido pelo luxuoso Restaurante "UNIVERSAL" das Termas de Caldelas - Amares, estando sobre a mesa as maiores potencialidades da Gastronomia e guloseimas, tudo isto acompanhado com os excelentes e capitosos vinhos regionais, tinto e branco.

Ao simpático e gentil casal, que é dotado das melhores qualidades e simpatia, que partiu em viagem de núpcias para as Ilhas Canárias, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

Alfredo do Paço

NECROLOGIA

Dr. António Mota Godinho Madureira

No dia 16 de Março passado faleceu em Estarreja o Dr. António Mota Godinho Madureira, viúvo da nossa ilustre conterrânea Marieta Solheiro Madureira.

Contava 83 anos.

Por sua expressa vontade, o funeral

Manuel Luís
Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:
Rabosa - Penso • Tel. 416066
4960 MELGAÇO

realizou-se para Melgaço, repousando no cemitério da Vila com sua querida mulher que ali jaz há quase onze anos.

Teve missa de corpo presente. Além de um competente profissional, o Dr. António Madureira era um apaixonado da arte, a paixão bem concretizada com um museu precioso, que legou à sua terra natal, e ao qual desejou que fosse dado o nome de sua querida e saudosa mulher.

Amigo da nossa terra pensou que o museu fosse localizado em Melgaço, facto que se não pode concretizar.

Registamos o falecimento do Dr. António Madureira tardiamente, pelo que pedimos desculpa aos familiares, e lamentamos que o nosso correspondente local nos não tivesse dado conhecimento do acontecimento.

Festas de Nossa Senhora da Orada



Nos passados dias 15 e 16 de Maio, realizaram-se nesta vila, as Festas em honra de Nossa Senhora da Orada, padroeira do nosso concelho e madrinha da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, cujo programa foi o seguinte:

No dia 15, às 12 horas, fogo do meio dia a marcar o início das festas e, durante a tarde, música gravada, às 21.30 horas Procissão de Velas em que a Veneranda Imagem foi conduzida da sua capela para a Igreja Matriz.

No final da Procissão, actuação do Conjunto "MELMÚSICA" desta vila. No dia 16 o principal dia das festas (Feriado Municipal), às 9 horas, entrada dos Gaiteiros da Gave.

Às 9.30 horas, entrada da Fanfara dos Bombeiros de Melgaço, às 11 horas, Missa Solene campal e Sermão, cantada pelo Grupo Coral das Actividades Culturais dos Bombeiros de Melgaço a que presidiu o Rev. Dr. Manuel Augusto Alves, pároco da Vila.

Cont. na pág. 3

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

Maria Carolina R.L.A. Dias de Castro

Agente distribuidora dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães
Telefs. 42302 / 43113 4960 MELGAÇO



Barros
Porto

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães
MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:
JÚLIO HILÁRIO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 - Tel. 214284
4710 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - Fax 612008
4700 BRAGA

Assinatura anual:
2.250\$00

Compre agora e pague em 12 meses

Móveis Castelo

de:
Ramiro de Lima A. Corqueira

Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.D.A

constrói - aluga - compra
vende casas e apartamentos
qualidade, bom preço

Escrit. - Rua do Fajal nº 20 - R/c - Telef. 73337
Resid. - Rua do Pinheiro, 113 - Nogueira - Telef. 683103 - BRAGA

Electrotécnica

António Solha & Irmão

Rádio
- Instalações Eléctricas
- Televisão
- Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294
4960 MELGAÇO

Cont. da pág. 2

acolitado pelos Rev.ºs P.º António Rodrigues, P.º Justino Domingues e P.º Arnaldo Fernandes, de Merufe - Monção, que foi o pregador.

Às 15 horas, actuação da Escola de Música dos Bombeiros de Melgaço.

Às 18.30 horas, uma imponente procissão, que reconduziu Nossa Senhora da Orada à sua Capela.

Quando a Procissão passava em frente ao Quartel dos Bombeiros a "Sirene" silvou com três toques em homenagem à sua madrinha, Nossa Senhora da Orada. Os festejos foram organizados por elementos dos Bombeiros e da Câmara Municipal.

Para encerramento das festas, às 22 horas, verbena abrilhantada pelo Conjunto "Lés a Lés".

Alfredo do Paço

Campanha de Sensibilização e Prevenção Rodoviária

A Companhia de Seguros "MAPFRE", através da sua Delegação nesta vila, leva a efeito nos próximos dias 13 e 14 de Junho, uma campanha de sensibilização e Prevenção Rodoviária, fazendo inspecção gratuita aos veículos automóveis, detectando possíveis faltas existentes, bem como dando os conselhos que ministram aos automobilistas.

Este é um serviço inédito e gratuito prestado à população de Melgaço.

Do Correspondente
Alfredo Lourenço do Paço

SOCIEDADE

Festa de Aniversário de três melgacenses



Nos passados dias 6 e 12 de Maio, festejaram em ambiente familiar os seus aniversários natalícios os nossos conterrâneos e estimados assinantes senhores António Armindo de Carvalho (80 anos), Aníbal de Oliveira (78 anos) e D. Delfina Rosa de Carvalho (78 anos).

Para comemorar estas felizes datas, os aniversariantes tiveram a gentileza de oferecer um lauto almoço no Restaurante "Zip-Zip" desta vila, que reuniu inúmeros amigos e familiares, tendo a festa sido prolongada até altas horas da noite.

De surpresa e à última hora, deslocaram-se de França alguns familiares, para em conjunto festejarem o aniversário de seu pai António de Carvalho.

A todos os nossos parabéns, com desejos que estas datas se repitam por muitos anos.

De Paderne

Peso

Até que enfim, o acesso às propriedades marginais ao Rio Minho, Quinta da Torre e muitas outras localidades, situadas entre as piscinas Albergaria

Boavista e a oficina de chaparia Puga está construído e muito bem construído. O muro feito com muita segurança e as juntas todas juntadas com forte cimento, ficou com bastante largura, o fundo depois de muito bem construído, levou um tapete de alcatrão que

ficou muito bem.

Acabou-se o medo de quantos ali tinham de passar diariamente e, alguns, diversas vezes no mesmo dia. É preciso dar o valor a quem o tem: se este melhoramento pertencesse à freguesia de Remoães ou Prado, já estava feito sem lá ninguém se ter ligado, isto é, desde que se verificou a necessidade e urgência de se fazer, como disse, repito está feito mas estamos gratos à nossa Câmara, do contrário a junta nunca mais fazia nada assim como nada fez. O tapete da Estrada desde o Hotel Ranhada, ponte do Peso, esteve em cubo durante muitos anos e como estes estivessem gastos, há 3 anos foram substituídos por um tapete de alcatrão. Acontece, porém, que o serviço não ficou bem feito, tem diversos sítios, onde a água da chuva enxarava. Resolução, o empreiteiro foi obrigado a le-

Cont. na pág. 4

DESPORTOS

Por: Miguel Pereira

FUTEBOL

Melgacense 3 - Neves 1

A contar para a 28ª jornada da A.F.V. do Castelo, disputou-se no passado dia 12 de Maio, no campo do Melgacense, mais um jogo para este campeonato distrital. Após esta jornada, a classificação ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	F	C	P
Âncora Praia	27	34	3	0	12	16	75
Monção	26	22	4	0	91	10	70
Ponte da Barca	26	12	5	9	37	32	41
Neves	27	11	8	8	45	36	41
Correlhã	26	11	7	8	44	24	40
Arcos de Valdevez	26	11	6	9	51	38	39
Lanheses	26	10	6	10	37	33	36
Ancorense	26	9	5	12	38	35	32
Chafé	26	9	5	12	31	36	32
Courense	26	6	13	7	21	38	31
Daruquense	26	7	7	12	28	57	28
Torreense	26	5	8	13	32	50	23
Melgacense	26	4	6	16	23	57	18
Anha	26	4	5	17	28	71	17
Formariz	26	3	8	15	28	73	17

Ancorense 2 - Melgacense 0

A contar para 29ª jornada da A.F.V. do Castelo, deslocou-se a V.P. de Âncora a nossa turma, no passado dia 19 de Maio de 1996, onde veio a perder por dois golos, sem resposta.

CONVÍVIO DESPORTIVO

Como tem vindo a acontecer em várias localidades do nosso querido País, a "Companhia de Seguros Inter-Atlântico", promove reuniões a vários níveis. No próximo dia 15 de Junho (Sábado), às 10 horas, será realizado um jogo de futebol de 5, entre a equipa de Viana do Castelo e Melgaço. No final do mesmo, no Restaurante do Cinema, será servido um requintado jantar a todos os intervenientes desta lide desportiva. Parabéns à Inter-Atlântico, que se está a cotar como uma GRANDE SEGURADORA, dada a sua honestidade, a maneira como resolve os sinistros e a frontalidade e dignidade como os aceita. Que o digam os nossos segurados.

Serralharia Artística
C O D Y
Portas • Caixilhos
Marquises
(Tudo em Alumínio anodizado)
de: Carlos Alberto Codesso
Granjão - Paderne - Telef. 42244
4960 MELGAÇO

CONSTRUÇÕES
Adelino Medela e Filhos, Lda.
«Orgulhamo-nos do que construímos»
CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO
Visite-nos na: Rua Dr. Justino Cruz, nº 154 - 1º Andar - Sala 9
Telefone (053) 618525 4710 BRAGA

DANIÉL VIDAL
• Tacos • Parquet's • Lamparquet's •
• Soalho • Forno • Vistas • Rodapés •
• Cortiças •
Fornecimento e Colocação
Agente das Tintas Garpintex
Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

Casa Rodrigues
De: Isaiás Rodrigues
Aparelhagens Sonoras - Arcos e Andores - Instalações eléctricas em ornamentações e habitações - em Capelas e Igrejas.
Tel. 414008 Cristóval - 4960 MELGAÇO

António Medela, Lda.
COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA
Carvalho do Lobo - Roussas • Tel. 45316 (fim de semana)
4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130

JUSTINO ALVES & ALVES, LDA
EMPREITEIRO
- Construção de Moradias e Prédios.
- Venda de Apartamentos.
- Todo o trabalho de construção civil.
Sede: Sº do Alívio - Gave • Tel. 47143/47415
4960 MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & Cª, LDA
Construções de Prédios para Venda Alta Qualidade a Preços Compatíveis
EM BRAGA:
Escritório
AVENIDA CENTRAL, Nº 54 - 1º
Telefones 217256/214185 Fax 217256

Dra. Maria Cândida Fonseca
ADVOGADA
ESCRITÓRIOS:
MELGAÇO: Largo Hermenegildo Sulheiro • Telefone e Fax 44420
PORTO: R. do Cidral de Baixo, 6 - 1º • Telefone 317200

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE S.A.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Mediador: Anselmo Manuel Malheiro
Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO
Escrit. Tel. 44031 - Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

Bento Gomes
TINTAS ELECTRODOMÉSTICAS
Rua Dr. Afonso Costa
Tel. 42113 - 4960 MELGAÇO

Cont. da pág. 3

vantar tudo e fazer um novo tapete que ficou muito melhor. Nessa mesma data foram também feitos os passeios e, no passeio a juzante plantaram 16 árvores para sombra e ornamentação. Das 16 árvores apenas existem 5 e as restantes morreram por falta de zelo e protecção. Que morressem uma ou duas ainda bem, ora tantas. Tudo isto se deve à junta de freguesia, em devido tempo foram alertados para plantarem árvores, até hoje não deram sinal de vida. As existentes estão lindas e até floridas mas com uma estaca. Reparando no estado deplavável, em que estas árvores se encontram, que impressões poderão tirar aqueles que nos visitam?

As valetas da Estarda Peso - Paderne, devido ao tempo chuvoso que se tem feito sentir, estão a deitar o entulho para a Estrada de cheias que estão. Quando será que a junta da freguesia se digna limpá-las?

Estamos próximos do mês de Junho, data prevista de funcionarem as nossas Termas. Bem será que tudo esteja devidamente limpo para mais uma vez serem colocadas no bom nome de que são dignas. D.S.

De Cristóval Peregrinação do dia fecho ao Monte do Fácho

Antecipada de uma novena preparatória na capela de S. Gregório, realizou-se como já é de tradição, a grandiosa peregrinação ao Monte do Fácho, para deste modo honrar mais uma vez a nossa Mãe do céu, intitulada como a Senhora de Fátima.

Como do costume, a maioria dos peregrinos vieram de várias terras da vizinha Espanha, que em conjunto com os de cá, perfizeram uns bons milha-

res. Apesar do dia coincidir num dia de semana, dia de trabalho, a afluência de fiéis quase não diminuiu. Como o dia esteve bom, a missa foi celebrada ao ar livre e foi abrilhantada pelo Grupo coral de S. Gregório. A procissão de velas que se realizou no domingo à noite de S. Gregório, teve uma afluência de muitas centenas senão milhares de fiéis, tendo percorrido o itinerário do costume; a missa campal daquela noite foi abrilhantada por um grupo coral de Prado, dos lados de Braga, que pela primeira vez se deslocou a estas terras ralanas. Parabéns a todos quantos trabalharam para que esta festa em honra da senhora de Fátima, não desmerecesse o brilho dos anos anteriores.

NECROLOGIA

Na residência de seus familiares algures em Espinho, faleceu, há dias,



D. Alzira Rosa Pires Douteiro, de 86 anos de idade, viúva do saudoso António Lurdes Douteiro. Era mãe de D. Glória Lurdes Pires Douteiro, sogra do industrial senhor José António de Sá, falecido há cerca de três



meses, avô do Dr. José António Douteiro e Sá, casado com D. Maria Cristina Vieira Pinto e Sá, Dra. Maria

Cristina Douteiro e Sá, casada com o Dr. Vítor Hugo Carvalho da Silva, Dra. Maria Teresa Douteiro e Sá, casada com o Dr. Fernando Rogério Castro Ramos Pereira. O seu funeral realizou-se para aquela localidade, com grande acompanhamento o que não é de admirar se tivermos em conta o quanto ela era estimada no meio em que vivia, devido às suas boas qualidades de carácter e bondade para com toda a gente.

Também na casa de seus familiares em S. Gregório, faleceu, há dias, a senhora Ermelinda Rosa Domingues. O seu funeral realizou-se para o cemitério local.

Também faleceu há dias no lugar do Campo do Souto, o senhor José Araújo, casado, de 75 anos de idade. O seu funeral também se realizou para o cemitério desta freguesia. As perspectivas familiares enlutadas em nosso nome pessoal e em o da Voz de Melgaço, as nossas dolorosas e sinceras condolências. C.

AGRADECIMENTO

Manuel Augusto Dias Cerqueira Cristóval

Sua família, na impossibilidade de poder agradecer particularmente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, vem muito reconhecidamente fazê-lo por este meio, testemunhando a todos o seu indelével reconhecimento.

A Família

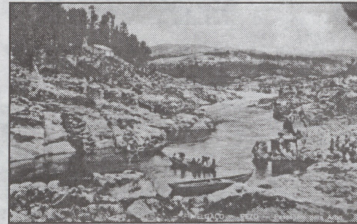
SOCIEDADE

Aniversário

No próximo dia 10 do corrente mês de Junho, completa o seu 30º aniversário a nossa conterrânea D. Rosa Maria de Araújo, filha do Sr. Armando de Araújo e de sua esposa D. Maria de Lurdes Araújo, todos residentes em França.

Por tal motivo, sua avó e restante família, desejam à aniversariante que esta data se repita por muitos e longos anos.

8ºs Jogos Florais de Melgaço



Vão realizar-se, mais um vez os Jogos Florais de Melgaço, iniciativa da Orientação Concelhia da E. Recorrente em colaboração com a Câmara Municipal.

A realização deste ano tem dois objectivos: homenagear o poeta melgacense Francisco A. Igrejas e destacar a importância da aproximação física e cultural entre o Minho e a Galiza que aquele poeta canta em bela poesia.

As modalidades que estes Jogos Florais perseguem são: Desenho, Poesia, Fotografia e Texto (Prosa). O trabalhos terão de ser entregues até 26 de Junho, que um júri apreciará e atribuirá os respectivos prémios, que serão entregues na Festa da Cultura.

Acácio Caetano Dias O DESALENTO

Após prolongada doença, este nosso conterrâneo e amigo, que tanto faz pela nossa Terra, não a esquece e só a enaltece, veio uma vez mais a Melgaço para assistir aos festejos de N. S. da Assunção, cavaquear com conhecidos e amigos, mas ficou enristecido,

mais propriamente, desiludido.

Convidado por carta, (sem hora nem local para a inauguração e convívio) para vir assistir à inauguração do Bombeiro e almoço de confraternização pelos B. V. de Melgaço, qual o seu espanto, quando dele se esqueceram!!!

Este BOMBEIRO, de sua autoria que ele elaborou com tanto trabalho, carinho e humildade, é bem mais uma prova da sua capacidade como Artista. Apenas cobrou o material. Quanto tempo, quantas angústias, quantos aborrecimentos, bem mereciam melhor acolhimento. Mas, enfim, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, não têm as culpas; quem as

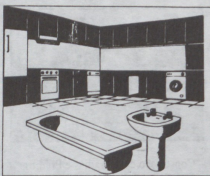
Cont. na pág. 5

Consulta de Urologia

Doenças de rins e vias urinárias
Dr. Mário João Gomes
Sextas-Feiras (pela manhã)

Rua José Cândido Gomes de Abreu R/c • Tel. 051-42175
(PRÉDIO ALFREDO DOMINGUES MELGAÇO)

António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,
MOSAICOS,
LOUÇAS SANITÁRIAS,
BANHEIRAS,
TORNEIRAS, ETC.

LOJA: Rua Joaquim Pires Jorge, Lote 143
Casal Machado - Catujal - 2685 SACAEM
Tel. e Fax: 9412664 • Telemóvel: 0936-451921
ARMAZ.: Casal Machado - Catujal
2685 SACAEM

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas:
AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650 • 4960 MELGAÇO

Agência Funerária Orquídea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transladações para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente
Contacte-nos pelos telefones:
Diurno: em Melgaço = 43048
Nocturno: em Alvaredo = 416037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA



Campas em Granito e Bronzes

Arte Funerária

Rua Dr. António Durães



Hotel Carandá

* * *

Praceta João XXI — 4700 Braga
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga
Tel. 61 45 00 - Telefax 77030

Proprietário e Administrador:

Manuel Rodrigues

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luis Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

Cont. da pág. 4

têm são as pessoas que por vezes com boas ideias, não conseguem concretizar os seus pensamentos...

É de lamentar o sucedido. Que isto não volte mais a acontecer... Deslocou-se um homem de Lisboa a Melgaço, satisfeíssimo, e depois paga-se-lhe deste modo. Ora bolas. Lamento integralmente o sucedido. Será que alguém tem-na a memória tão curta que já se esqueceu do bem que o Acácio prestou à digna A. H. dos B. V. de Melgaço??

Muito me custou a escrever este artigo, mas as verdades devem ser ditas, para que de futuro não voltem a repetir-se casos idênticos.

Que me desculpe a prestigiosa A. H. V. N. de Melgaço contra a qual nada tenho, e sempre pretendo com ela colaborar.

Será que como o Acácio é um brinhalhão, sem prejudicar ninguém, desta vez quiseram entrar com ele??

M.P.

ATENÇÃO Lavradores

Vão decorrer de 20 de Maio a 14 de Junho as confirmações às Medidas Agro-Ambientais e todos os agricultores candidatos a estas medidas devem dirigir-se à Cooperativa Agrícola, a fim de proceder à confirmação ou correcção da respectiva ficha.

A sua não comparência implica a perda do direito à ajuda e possível devolução do montante recebido até esta data, acrescido de juros.

Festas, Feiras e Romarias no Minho

A Região de Turismo do Alto Minho, Costa Verde, publicou um bellissimo trabalho em várias línguas e com vistosas fotografias com o título "Festas" Feiras e Romarias no Minho.

Nele se registam todos os lugares e recantos do Minho onde tais acontecimentos se verificam.

Fazem anos No mês de Junho

No dia 1, a Sra. D. Maria Angelina Domingues e o Sr. Gilberto Monteiro Teixeira; no dia 2, a Sra. D. Laura de Fátima Gonçalves Migueis e Helder Monteiro Teixeira, no dia 3, o Sr. Armando Ferreira Ribeiro; no dia 4, a Sra. D. Delfina Domingues e o Sr. António Lemos Cardoso; no dia 5, o Sr. Padre Justino Domingues, no dia 6, a Sra. D.

Maria de Fátima Cardoso dos Santos Lima e os Srs. Vítor Manuel Lourenço Cerdeira e João Pinto Rodrigues; no dia 8, o Sr. António José Tábuas; no dia 9, a Sra. D. Maria Augusta de Melo e os Srs. José Cândido Gomes Valas e António Lopes; no dia 12, a Sra. D. Maria de Nazaré dos Santos Lima Codesseira e o Sr. António Augusto Cerdeira; no dia 13, a Sra. D. Maria de Fátima Gomes e o Sr. António José Moraes Ribeiro; no dia 14, o Sr. Carlos Alberto da Rocha Meleiro; no dia 15, o Sr. José Lavandeira; no dia 16, a Sra. D. Maria José Inácio e o Sr. Manuel Augusto Domingues; no dia 17, os Srs. Manuel Joaquim Inácio e António Joaquim Rodrigues; no dia 18, as Sras. D. Maria da Graça Lima Pereira, D. Maria de Lurdes Igrejas Teixeira Pinto e D. Florbela Maria Quintela Alves; no dia 21, as Sras. D. Elvira Gonçalves Teixeira e D. Adélia Albertina Lourenço Golim; no dia 22, a menina Karine Malheiro Marida; no dia 23, as Sras. D. Maria do Céu de Sousa Lima, D. Maria Elisa de Almeida Salgado, o Sr. João António dos Santos Lima e a menina Paula Maria Afonso; no dia 24, as Sras. D. Maria da Conceição Lourenço Gonçalves, D. Maria Teresa Araújo Reis, os Srs. João Manuel de Sousa Lima, António Augusto Veloso e João Jaime Gomes Lopes; no dia 25, a Sra. D. Maria José Pereira de Castro e o Sr. Carlos Alberto Brás; no dia 26, a menina Sílvia da Conceição Gonçalves Pereira; no dia 27, o Sr. António Afonso; no dia 28, a Sra. D. Maria Henriqueta Lopes Malheiro e o Sr. Domingos Alberto Brás; no dia 29, a Sra. D. Maria de Lurdes Gomes Lopes; no dia 30 as Sras. D. Maria Gonçalves, D. Rosa Maria Pereira Rodrigues e o Sr. António Fernandes da Costa Cerdeira e João Cardoso Alvim.

AGRADECIMENTOS

Manuel Augusto D. Cerqueira e Manuel António da Costa

As famílias dos saudosos extintos, vítimas de desastre e falecidos em Guadalupe, sendo sepultados no cemitério de Cristóval, vêm muito reconhecidas agradecer penhoradamente a todas as pessoas que assistiram aos actos de culto e acompanharam os entre queridos à sua derradeira morada.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Manuel Henrique Rodrigues Queirão - Paderne

A família de Manuel Henrique Rodrigues, na impossibilidade de o poder fazer particularmente, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Manuel António da Costa - Melgaço

Sua esposa, filhos, netos e restante família enlutada, na impossibilidade de o poder fazer particularmente, vem penhoradamente agradecer a todas as pessoas que acompanharam o saudoso extinto Manuel António da Costa, à sua última morada, bem como a todas aquelas que assistiram aos actos do culto por sua alma celebrados.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Francisco Figueiredo Cristóval

A família de Francisco Figueiredo, falecido na freguesia de Cristóval e que foi a enterrar no cemitério de Setúbal, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Luís Alberto Rodrigues - Prado

Sua família, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Américo Esteves Roussas e Braga



A esposa, Sara, o pai, as filhas, genros, irmã, cunhado e demais família de Américo Esteves agradecem a todas as pessoas que os acompanharam durante a doença e que estiveram presentes no funeral, em Roussas, e depois na missa de 7º dia, também em Braga.

Agência Funerária Mira

Maria Rosa Alves Alvaredo

A família de Maria Rosa Alves, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Mira

Justino Solha Felgueiras - Penso

A família de Justino Solha, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Mira

José Augusto Araújo Cristóval

A família de José Augusto Araújo, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Mira

Manuel Augusto Esteves Telheiro - Rouças

A família de Manuel Augusto Esteves, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompa-

nham nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agostinho Fernandes Felgueiras - Penso

A família de Agostinho Fernandes, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Mira

Rosa Domingues Felgueiras - Penso

A família de Rosa Domingues, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Mira

Martins Lourenço-Prado

A família de Martins Lourenço, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Mira

De Roussas

Festas de Santa Rita

Com um tempo maravilhoso, quase de autêntico verão, decorreu a festividade em honra de Santa Rita, tendo havido grande concorrência de devotos, sobretudo nos últimos três dias sendo de destacar o dia de Domingo, dia 26, o tradicional dia de Pentecostes. Com as novas condições de vida em que muita gente tem felizmente trabalho na Segunda, o Domingo é o dia de maior concorrência de fieis. Como é tradição, o orador deste ano foi o Pe. Agostinho Caldas, pároco de Pias - Monção.

Na Quinta-Feira, dia 23, houve os tradicionais sufrágios pelos benfeitores, e entre eles pelo Pe. Carlos, com exéquias, missa e novena, a partir das 18.30 horas. Este ano participaram também os Padres Júlio e Carlos Vaz e Pe. António Rodrigues.

Foi uma feliz coincidência, pois no dia 22 de Maio é que se celebra a data da morte de Santa Rita que, para os cristãos é o dia mais festejado, porque é o dia do nascimento para o Céu.

Manuel Augusto Esteves - Telheiro

Em 21 de Maio e depois de uma doença a que nem a operação pôs fim, faleceu o Manuel Esteves, do lugar do Telheiro, irmão do Pe. António Esteves.

O Manuel foi a sepultar no dia seguinte e o seu funeral teve a presença de muita gente, sendo a Eucaristia e exéquias celebradas por 13 sacerdotes.

Ao irmão, Pe. António e aos outros irmãos, Rosa, Alice e Augusto bem como a seus cunhados e demais família, os nossos sentidos pêsames.

CENTRO COMERCIAL EUROPA

Na Cidade Nova em Valença, encontra-se em construção o maior Centro Comercial do distrito de Viana do Castelo.

O Centro Comercial Europa tem 2 frentes - para o novo campo da feira e para o mercado municipal.

O Centro Comercial Europa foi criado para lhe proporcionar toda a comodidade e conforto para um dia de lazer.

LOJAS PARA VENDA DE TODOS OS TAMANHOS CONSULTE

C&M GOMES & MALHEIRO, LDA.

Na Cidade Nova, prédio de vidro, piso 6
Telefone 824530 - VALENÇA

CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade
de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO

construções DOMINGUES



■■■■■ CONSTRUÍMOS, VENDEMOS E ALUGAMOS ■■■■■
Apartamentos T1-T2-T3; Comércio, Escritórios, Consultórios
■■■■■ VENDEMOS LOTES DE TERRENO ■■■■■

LOCAIS: Rua Dr. José C. Gomes de Abreu; Rua Dr. António Durães; Santo Cristo e Escola C+S.

Temos atendimento personalizado

TELEFONES: 43433-44747 • TELEFAX: 44747

VENDE-SE

Casa de morada, com duas garagens, adega, rocios com pomar de fruta e vinha, 4.000m² e um campo de cultivo, com 2500m², em Apião - Paderne.

Telefonar para 051-42861

Comemorando 50 anos de vida!

Cont. da pág. 1

As leituras foram proclamadas por dois antigos alunos dos seminários que também o foram dos homenageados. O mesmo aconteceu com as petições da Oração dos Fiéis.



O Cónego António Vaz proferindo a homilia, na concelebração.

Da homilia proferida pelo Presidente da Celebração, dar-se-á conta em texto apropriado, oportunamente.

Ao órgão, esteve o Dr. António da Costa Gomes, um dos mais cotados e bem preparados organistas do país e também antigo aluno dos homenageados.

Do próprio coro, nas vozes masculinas, mais de metade eram de antigos alunos dos seminários. E entre os cânticos, todos muito belos, serão de realçar o "Senhor, Tende piedade de nós" e o "Lux aeterna", com junção da melodia gregoriana e a polifonia, da autoria do maestro Dr. Júlio; o "Tomai, Senhor, e recebei" do consagrado músico, Dr. Joaquim Santos, presente na celebração e que, no final, manifestou o seu encanto pela interpretação feita, tecendo rasgados elogios a toda a celebração pela sua elevação e dignidade; e o já conhecido "Senhora, nós Vos louvamos", a 4 vozes mistas, do saudoso maestro e compositor, Dr. Manuel Faria, discípulo do seminário do P.º Júlio, cântico com o qual se despediu a assembleia num dia de Sábado e no mês dedicado à Virgem.

A SESSÃO SOLENE

Pelas 12.10 começou no salão de festas do Seminário a Sessão Solene. Presidiu o senhor Arcebispo Primás, D. Eurico Nogueira, ladeado pelos dois homenageados e pelo senhor Go-

vernador Civil de Braga, Dr. Pedro Vasconcelos, pelo representante do Presidente da Câmara de Braga, Dr. Vítor de Sousa, por Guilherme Moreira, da ASSASB, Dr. Vasco Carvalho, da APIR, Dr. João Vale Ferreira, do IPIR e P.º Domingos Brandão, arcepreste de Braga.

Na vasta assistência de mais de 350 pessoas, destacava-se a presença do bispo auxiliar, D. Jorge Ortiga, P.º Dr. Sebastião Ferreira, Vigário Geral de Viana do Castelo, Dr. José Araújo, Presidente da Câmara de Terras de Bouro, e antigo aluno, Major Alberto Magno Pereira de Castro, Presidente da Câmara de Valença do Minho, melgacense de gema e homem reconhecido ao que "A Voz de Melgaço" e seus responsáveis lhe possibilitaram, acolhendo-o de braços abertos com o primeiro poema, aos 16 anos; Dr. Mário Carneiro, Director Clínico das Termas de Chaves, acompanhado de um Vereador da Câmara de Chaves que assim queria manifestar a gratidão pelo contributo dado à terra com as crónicas do

Cónego António Luís Vaz, habitual frequentador das mesmas; uma boa pléiade de antigos alunos naturais de Melgaço e a trabalhar noutras terras, antigos alunos vindos de Lisboa, de Salamanca, de Monção e de tantas outras terras, como do Porto, por exemplo; um numeroso grupo de amigos pessoais de longa data e muitas outras pessoas que quiseram manifestar a sua gratidão.

A sessão principiou com o Hino do Papa, de Gounod, entoado pela vasta assembleia de antigos alunos. Usaram da palavra os 3 antigos alunos



O Padre Júlio Vaz agradecendo.



Arcipreste de Braga, Presidente do I.P.L.R., Presidente da ASSASB, Governador Civil de Braga, Cónego Vaz, D. Eurico, Arcebispo de Braga, P.º Júlio Vaz, Dr. Vítor Sousa, da Câmara de Braga e Dr. Vasco Carvalho, presidente da A.P.L.R.

promotores da Homenagem, e ainda o P.º Manuel Magalhães dos Santos, pároco da Póvoa de Lanhoso e que assistiu à primeira aula do P.º Júlio, em Outubro de 1939 tendo-o professor desde o 1º ano ao 5º. Foi, depois, a vez do Comendador Albérico Coelho Fernandes, natural de Trute, Monção, a residir e trabalhar em Lisboa, que foi assessor de Pinto Balsemão quando desempenhou as funções de Primeiro Ministro e que é Administrador das empresas do grupo. Seguiu-se-lhe o Eng. Paulino de Magalhães, natural de Cabeceiras de Basto, a trabalhar em Lisboa, na Direcção-Geral de Portos, tendo já sido Administrador dos Estaleiros de Viana do Castelo. Um outro monçanense, Dr. Ernesto Fernandes Português, natural de Cambezes, e a residir em Braga, onde é professor do Ensino Preparatório, destacado na Educação de Adultos e a preparar uma tese de mestrado sobre a educação nos seminários, realçou o contributo dos dois para a reflexão pedagógica. O P.º Dr. Sebastião Ferreira, Vigário Geral de Viana, trouxe a palavra amiga e de gratidão do antigo aluno e da Diocese e do seu bispo, diocese a que primordialmente se destina o nosso jornal e cuja acção enalteceu. O P.º Domingos Brandão, arcepreste de Braga, realçou o labor apostólico dos homenageados na cidade de Braga, desde as tarefas realizadas gratuitamente na Creche de Braga, nas Servas de Jesus e na Senhora-a-Branca, bem como nos vários organismos da Acção Católica, até ao lugar destacado que o P.º Júlio teve na Igreja dos Congregados durante mais de 15 anos e o Cónego António na Igreja dos Terceiros.

A colorir e amenzar a

sessão, a Dra. Teresa Couto, famosa solista, interpretou duas belas canções, ela que está casada com um antigo aluno e que foi acompanhada ao piano pelo Dr. Costa Gomes. Também o Cónego Valdemar Gonçalves, antigo aluno e actual pároco da Sé Primária de Braga, declamou um lindo poema de sua autoria e dedicado aos



Parte da assistência da sessão solene, cantando o hino do Papa.

dois homenageados. E o sobrinho, Dr. Carlos Vaz, a pedido do autor, o poeta e professor universitário Amadeu Torres, também conhecido por Castro Gil, declamou um soneto alusivo aos dois homenageados.

D. Eurico Nogueira usou ainda da palavra para enaltecer a acção desenvolvida pelos dois P.ºs Vaz e se congratular com a justa homenagem. E antes de o P.º Júlio Vaz agradecer, emocionado, tanta manifestação sentida de apreço e tanta beleza de alma e de coração, os promotores fizeram entrega de duas significativas prendas: I crucifixo em prata para cada um, e a "História de Portugal", de José Matoso, em 8 volumes, a possuir e utilizar pelos dois homenageados.

Já passava das 14.40 quando encerrou com o Hino do Sacerdócio, cantado por todos.

O ALMOÇO DE CONVÍVIO

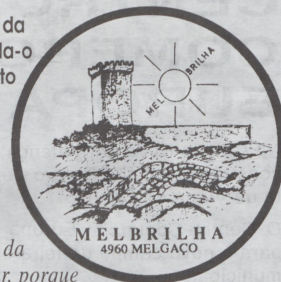
No excepcionalmente bem localizado restaurante "Abadia d'Este", junto à igreja de S. Pedro D'Este e a 1.6 km do início do escađório do Bom Jesus, teve lugar o almoço de confraternização, por inscrição, que reuniu mais de 250 animados convivas. Num local que alguém, poeticamente, qualificou,

de edénico, foi ocasião para pôr são o corpo algo delibitado àquela hora da tarde. E a ementa e qualidade de confecção e de serviço satisfizeram, com distinção, todos os presentes.

Cont. na pág. 7

MELBRILHA

A Nova Gerência da MELBRILHA convida-o a fazer um contrato de limpeza anual para a sua Casa ou Jardim



Disfrute da Natureza e deixe que nós tratemos da limpeza do seu lar, porque nós defendemos o ambiente

ORÇAMENTOS GRÁTIS

LIMPEZAS DOMÉSTICAS E INDUSTRIAIS DE: Bancos, Escritórios, Comércio, Vivendas, Apartamentos, Etc. • Limpeza Geral em Prédios e Vivendas acabados de construir • Lavagem de todo o tipo de Vidros, Alcatifas, Carpetes, Toldes, Etc. • Tratamento de Pavimentos, Tijoleiras, Mármore e Madeiras • Limpeza e Adornos de Jardins, Corte de Relva e Arbustos

SEDE: Rua José Cândido Gomes de Abreu - Edifício Construminho Telefone 44779 • 4960 MELGAÇO

Miraflor

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de Igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroaes, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço

VENDE-SE

Na Rua Dr. António Durães, apartamento com garagem — Grande, com frente para a rua. Tem todas as condições modernas.

Também se vende rés-do-chão comercial.

Telefones 051-43433 ou 056-24229

Comemorando 50 anos de vida!

A emoção saltava e jorrava a rodos. Havia antigos alunos dos seminários, condiscípulos ou muito próximos em anos, que não se tinham encontrado há 30, 40 ou até 50 anos! Para alguns, era quase o paroxismo. Houve abraços que valem quase tudo o que de melhor a vida pode oferecer a quem tem alma.

mos bom porque somos pobres". Duas normas, uma de conduta e outra de vida que muito podem contribuir para uma sociedade melhor e mais justa.

O Dr. Mário Carneiro, velho e dedicado amigo, não se importou de se ter levantado às 6 da manhã para poder vir de Ferrol, na Galiza, até Braga. Referiu a alegria por ver ser

mantidos enquanto frequentava o Liceu de Braga, pois a esse apoio deve o ter-se abalançado à escrita de livros e ter-se orientado numa determinada perspectiva de vida intelectual e moral que muito o ajudaram na vida.

O Dr. Vítor Sousa, Vereador da Câmara de Braga, em representação do seu Presidente, testemunhou o muito que a cidade deve aos dois P.^{os} Vaz e quão reconhecida se sente por uma actividade que a ajudou a crescer e a engrandecer-se além de contar com muitos bragaenses que devem ao seminário muito do que

Senhora-à-Branca, quer nas Servas de Jesus.

Depois foi o partir do bolo pelas sobrinhas-netas e o prolongar da consão.

O P.^o Alberto Azevedo realçou igualmente o apoio recebido, quer directamente, inclusive na recensão benévola aos seus livros, quer através da companhia feita ao pai, em Ribirão - Famliação, nos momentos de doença que antecederam a sua morte. Referiu um pensamento de Simone Weil, segundo a qual: "a injustiça é companheira da glória", e porque,



O Dr. Mário Carneiro, Director Clínico das Termas de Chaves, brindando aos homenageados.



Os dois irmãos, Cónego António e P.^o Júlio presidindo ao almoço.

Alguns dos que não puderam usar da palavra na sessão solene quiseram manifestar o seu júbilo e gratidão antes do cortar do Bolo. Destacamos as intervenções do Dr. Augusto Pimenta de Almeida, Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Antigos Alunos dos Seminários, colega de curso do actual cardeal patriarca, D. António Ribeiro, que é natural de Cabecinhas de Basto e foi antigo aluno dos P.^{os} Vaz. O Dr. Pimenta de Almeida é Director, para Portugal, da Caja de Ahorros de Espanha, a maior instituição financeira do país vizinho. Com palavras bem medidas e apropriadas, realçou as qualidades pedagógicas e humanas dos dois homenageados e vincou que só as almas de eleição sabem ser gratas aos que as ajudaram a moldar e a estruturar para depois virem a ser algo do muito que conse-

feita justiça e por a sociedade civil e religiosa estar presente, aos mais alto nível, numa homenagem de inteira justiça, onde só há a lamentar que seja tão tardia.

O Dr. José Marques, nosso conterrâneo, realçou as qualidades humanas, pedagógicas e sacerdotais dos homenageados, recordou os laços de parentesco que ainda os unem, teve uma palavra de especial carinho para o saudoso P.^o Carlos, por ter feito da sua casa, em Roussas, uma segunda escola da Adedela por onde passaram também alguns dos que, em Melgaço, atingiram os degraus do altar, além de outros que, depois, enveredaram pela vida laical.

O também melgacense, Major Magno Pereira de Castro, actual Presidente da Câmara de Valença, testemunhou publicamente a gratidão que sente



No momento exacto...



O nosso conterrâneo Major Alberto Magno Pereira de Castro, Presidente da Câmara de Valença, saudando os homenageados.

quem na vida.

O tenente Manuel Matias, também antigo aluno, e animador e coordenador dos discursos ao almoço, foi dirigindo palavras de extrema amabilidade para com os homenageados, a quem, aliás, conhece bem, pois convive amíúde, sobretudo com o P.^o Júlio que foi quem presidiu ao seu casamento.

O Dr. Isafas, advogado em Lisboa, natural da Póvoa de Varzim e colaborador assíduo do "Notícias da Póvoa" deu testemunho de quanto aprendeu com os dois mestres e sobretudo com o Cónego Vaz, a quem tinha tido como professor. Disse guardar e seguir religiosamente dois conselhos, ainda hoje: a) nunca se arreperder de dizer bem dos outros; b) e "compre-

por todo o acolhimento que sempre teve em "A Voz de Melgaço" e pelo muito que deve aos dois homenageados a partir dos contactos com eles

Branca, e como antigo aluno, para realçar o exemplo que continuam a dar com o trabalho sacerdotal prestado gratuitamente, quer na Igreja da

outrora, os P.^{os} Vaz foram muito injustiçados, mas souberam responder com serenidade e galhardia, agora se verifica como tais injustiças contribuíram para que constituíssem motivo de glória para todos os quantos vêm no seu exemplo um paradigma das atitudes a tomar.

Falou ainda o Dr. Fernando Brás Mateus, em nome da Confraria da Senhora-à-Branca, e como antigo aluno, para realçar o exemplo que continuam a dar com o trabalho sacerdotal prestado gratuitamente, quer na Igreja da

versa amena com todos quantos sentiam a alegria de ter vivido um dia intenso, cheio, mas de plena gratificação. Os meios de comunicação deram bastante relevo a esta homenagem, sendo de destacar as notícias inseridas no "Jornal de Notícias", no "Primeiro de Janeiro", no "Comércio do Porto", a entrevista da Rádio Renascença, em Braga, a entrevista publicada no "Correio do Minho" do próprio dia 18, a excepcional reportagem do dia 19, as notícias inseridas em "Diário do Minho", o artigo de Euclides Rios, publicado no dia da homenagem, bem como o poema "SER" de Carolina Granja, além dos muitos semanários e quinzenários dos distritos de Braga, Viana e Porto que se referiram com destaque a esta homenagem.

O nosso jornal não podia ficar indiferente com o temor de ser mal interpretado, por nos referirmos a uma homenagem prestada a dois dos fundadores do jornal e os únicos vivos,

recebido neste 50º aniversário. Afinal, 50 anos de total dedicação a este jornal, sem receber um tostão e almejado como retribuição apenas a pretensão de fazer o bem e levar cada vez maior número de pessoas a fazer o bem, só podiam ser compreendidos e celebrados condignamente se um dos actos fosse o da homenagem e as pessoas pudessem dizer com verdade como se sentiam agradecidas por tanto bem recebido.

Damos-lhe já bastante relevo e esperamos poder inserir em próximos números alguns dos testemunhos escritos que foram tornados públicos na sessão solene. As fotografias documentarão um pouco mais todo o ambiente que envolveu esta homenagem. Para já, e por tudo quanto foi observado na festa de homenagem, e muito especialmente pelos 50 anos de vida do jornal, o nosso mais vivo reconhecimento a Deus: "Te Deum Laudamus". C. N.

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Transladações em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

AUTO PNEUS MELGACENSE

DE: António José de Carvalho Lima



Calibragem de rodas e alinhamento de direcções • Pneus nacionais e estrangeiros
RECAUCHUTAGEM IMPÉRIO
Mabor • Michelin • Kleber • Bridgestone
Goodyear • Semperit • Continental • Firestone
Pirelli • Stunner • Dunlop

ESTAÇÃO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA PNEUMÁTICA

SANTO CRISTO • TEL./FAX 051-43926 • 4960 MELGAÇO

Bodas de Ouro de “A VOZ DE MELGAÇO”

Cont. da pág. 1

des económicas e, no nosso caso, também políticas, como veremos.

O primeiro jornal que existiu em Melgaço foi “O Melgacense” que surgiu em 6 de Novembro 1887. “A Voz de Melgaço” é o jornal com maior duração de quantos jornais existiram na nossa terra, com este elenco directivo inicial: padre Júlio Hilarião Vaz, Director e Dr. Júlio Outeiro Esteves, Chefe de Redacção.

O Dr. Júlio demitiu-se em princípios do ano de 1956 e em 15 de Março deste mesmo ano o padre Carlos António Vaz sucedia ao Dr. Júlio, de missionário. Tendo o padre Carlos falecido em 1 de Junho de 1972, assumi o cargo de Sub-Director, O Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz.

Quando da fundação de “A Voz de Melgaço” sentia-se no meio, momentaneamente na imprensa existente, uma certa frieza, senão hostilidade, face à religião católica.

Por outro lado, os novos que ensinavam por uma imprensa actualizada e combativa não tinham entrada na demais imprensa existente, que era comandada autoritariamente e com tendências um pouco jacobinas.

Esse grupo de novos, formados na escola da Adedela, onde o padre João Vaz lhe dava todo o apoio, e no Seminário de Braga tomou a resolução da criação de um jornal, local, católico e regionalista.

E apareceu “A Voz de Melgaço” com um bom elenco de colaboradores: o padre Manuel Bernardo Pintor, falecido em 1 de Março, deste ano, o Dr. Abel Varela Seixas e o professor Dâmaso Lopes, estes falecidos, há bastantes anos. Tornando-se necessário localizar a Administração em lugar acessível, o padre Justino Domingues, pároco da Vila, atendia gentilmente todos os que o demandavam para o efeito.

O padre Carlos, por sua vez, pároco de Rouças, mantinha contactos directos com o meio local e dava as suas informações para a Redacção, de sorte que, residindo o Director em Braga, o jornal mantinha viva e actuante a sua característica de regionalista. “A Voz de Melgaço” cresceu e o seu crescimento provocou invejas e estas provocaram conflitos, os quais foram de várias ordens: de política local e de acção judicial nos tribunais.

“A Voz de Melgaço” surgiu independente de facções políticas ou económicas. Só a Terra, a sua história, as suas necessidades e o seu desenvolvimento é que interessavam, e interessam, ao jornal.

Não adulara autoridades, nem adular, não escondia mazelas de quem quer que tivesse responsabilidades públicas e não se subordinava a amizades. É que só assim seria independente.

Esta atitude não agradava às pessoas atingidas, mormente às Autoridades, sobretudo as Autoridades municipais: a Câmara Municipal. Desde 1946, ano em que o jornal se criou até ao presente tive- mos conflitos com quase todas as Câmaras, excepção feita para a Câmara da presidência do professor Manuel José Rodrigues, e do Dr. António Durães, Presi-

dente da Comissão Administrativa, saída da Revolução de 25 de Abril de 1974. Os jornais locais registam as polémicas havidas e o Tribunal documenta as consequências.

Nestes 50 anos, fomos levados ao tribunal cinco vezes e, felizmente, nunca fomos condenados.

Em 1953 cairam sobre nós três processos.

Aprendemos, no entanto, bastante no tribunal, porque nos ensinou a não confiar demasiado em textos sem os analisar. É que num dos processos, o queixoso, ou melhor, o advogado do queixoso alterou o texto em causa. Por que o teria feito? Por descuido?

Este erro jurídico não foi detectado nem no tribunal da 1ª instância, em Melgaço nem na Relação do Porto.

Como o explicar? Certamente porque os magistrados judiciais liam os textos dos advogados e não o texto escrito que estava em causa.

Só o Supremo Tribunal de Justiça é que descortinou-o e registou-o no Acórdão de 28 de Janeiro de 1953 e fê-lo com esta clareza: “A diversidade de objectivação do delito nas duas instâncias é suficiente para revelar que a imputação ofensiva suscita dúvida.

Mas tanto o tribunal da comarca como o da Relação, para chegarem às conclusões a que chegaram, de ter havido ofensa e intenção de ofender consideram a última palavra do período anotado na acusação como referente a homem, isto é, como significando homem de carácter, homem de bem. Ora o que se escreveu não foi “ser dever e dever de homem de carácter, mas sim,” ser dever e dever de carácter”.

E a significação mais natural, sem opinião antecipada a dar a esta palavra, assim empregada, é a etimológica, basta substituí-la pelo seu sinónimo “qualidade” e o sentido da frase mantém-se e até se clarifica”

A par com esta realidade jurídica surgiu a política.

É que a política local, a distrital e a ministerial — o Ministério do Interior, do qual julgo que era Ministro, o Dr. Trigo de Negreiro — tudo fizeram para que o Director de “A Voz de Melgaço” fosse condenado.

Como o soube? O Dr. Júlio Outeiro Esteves, que era um bom cristão, foi ao Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior, pedir-lhe licença para me processar.

O Arcebispo D. António chamou-me e procurou convencer-me a que desse explicações ao Dr. Júlio. Aconteceu, porém, que eu já me havia dirigido a um professor de Direito da Universidade de Lisboa, meu amigo, a quem pusera a causa nestes termos: “Não quis ofender o queixoso; mas se vê que na prosa que escrevi há algo juridicamente ofensivo, diga-mo sinceramente e eu peço desculpa.

O catedrático, Manuel Gomes da Silva, respondeu-me e não só dizendo-me que nada havia juridicamente condenável mas ainda me enviou um maravilhoso parecer que o meu advogado utilizou devidamente.

Fui despronunciado e não fui a julgamento.

Aconteceu, porém, algo de novo e importante, que comprometia o Arcebispo D. António Bento Martins Júnior, o qual, face ao que lhe dissera escreveu uma carta ao Dr. Júlio, carta que não foi apenas ao processo, onde o advogado de acusação escreveu que o réu, — eu — tinha sido convidado a dar explicações pelo Arcebispo e que me havia recusado.

Em face desta triste realidade, dirigi-me ao Sr. Arcebispo, narrei-lhe o acontecido. Ficou surpreso. E, sem que o soubesse, ou lhe pedisse, escreveu uma carta ao Arcebispo D. Manuel Trindade Salgueiro, a pedir-lhe que se lhe fosse possível, intervisse a favor do “meu padre”, narrando-lhe o acontecido. Assim fez. E o juiz Conselheiro, a quem D. Manuel Trindade Salgueiro comunicara o que se havia passado, deu-lhe esta informação: “Foi difícil o caso, não pela causa jurídica, mas pela pressão política”.

Ao celebrarmos os 50 anos de “A Voz de Melgaço” quisemos registar este facto, passado há dezenas de anos, por várias razões:

— para os leitores verem como é difícil trabalhar na imprensa;

— para que os leitores vejam os cuidados que se devem ter durante o processo, pois pode, como aconteceu neste caso, alterar-se o texto incriminado”;

— para registar a minha gratidão ao meu santo Arcebispo D. António Bento Martins Júnior e ao saudoso e carinhoso Arcebispo D. Manuel Trindade Salgueiro.

Quisemos, ao completarmos 50 anos de existência, recordar algo do passado para agradecer a Deus a protecção que nos dispensa, para agradecer aos amigos a amizade com que nos tratam, para dizer a todos os que nos lêem que o “A Voz de Melgaço” servirá, sempre, a verdade, a justiça, a nossa querida terra, e, como sempre, franqueada a todos os melgacenses.

Júlio Vaz

“Bodas de Ouro”

Possuir ouro é ambição de toda a gente. Desde os tempos mais longínquos os homens procuraram por todos os meios adquirir tão precioso metal.

Os portugueses dos tempos das descobertas sulcaram os mares e arriscaram as vidas na esperança de dar novos Mundos ao Mundo, mas também o fizeram com o intuito de adquirir riqueza pois, esta, trazia-lhes força e poder.

E assim foi durante séculos. Muitos morreram, outros atingiram o objectivo, conquistando continentes e levando a nossa cultura a todos os cantos da Terra. Tornaram-se famosos aos olhos de todos os povos daquela época. Desde então e até meados do nosso século, Portugal foi uma nação respeitada e forte porque possuía o tal poder do ouro. O Banco de Portugal tinha em seus cofres grandes quantidades que lhe permitiam em princípio enfrentar a vida da nação sem grandes preocupações.

Actualmente a ambição é outra. Nesta época, os portugueses procuram o poder por outros processos mais cómodos, mas sempre com a ambição do «ouro». Os mais dotados utilizam a palavra, e assim, atingem o poder. Uma vez este atingido, têm a riqueza na mão, depois é questão de mais ou menos malabarismos e os nossos homens começam a obter sucesso. Mas este é só para eles. Em relação à Nação não há grandes preocupações. O objectivo destes novos «conquistadores» é enriquecerem da melhor forma possível, sem no entanto arriscarem a vida como faziam os portugueses de outrora.

Contudo, nem tudo se está a perder. Hoje, também há bons portugueses em quem podemos acreditar, e que se sacrificam para poder ajudar a desenvolver o nosso Portugal, com as suas palavras, opiniões e acções.

Senão vejamos: O nosso Jornal «A Voz de Melgaço» faz agora a bonita idade de cinquenta anos festejando as «Bodas de Ouro». Estou certo de que

foi um percurso muito difícil. Durante este tempo, «A Voz de Melgaço» ensinou e lutou bastante, trazendo à luz muitos assuntos e situações que estavam no esquecimento. Este nosso jornal tornou possível a muitos melgacenses expor as suas razões, os seus anseios e, muitas das vezes, a discordarem ou concordarem da forma como as coisas da nossa terra são desencaminhadas ou encaminhadas.

Nós melgacenses gostávamos que a nossa terra fosse a melhor do Mundo. Esta é a razão por que muitas vezes discordamos da maneira como por vezes os assuntos são conduzidos. Nós sabemos que as coisas nem sempre são fáceis mas também sabemos que é à maldade que se prega um prego...

Nestes cinquenta anos, quantas alegrias nos deu «A Voz de Melgaço» ao dar-nos a notícia de mais um nascimento, mais um casamento, um baptizado ou ainda de mais um melhoramento na nossa freguesia ou na freguesia vizinha. Também por vezes nos dá notícias que nos entristecem, pois foi um amigo que partiu para sempre ou de um melhoramento que não se realizou no nosso concelho mas sim outro vizinho.

Isto é o nosso jornal. É através dele que nós recebemos com grande interesse as notícias de tudo quanto acontece na terra que nós amamos.

Nesta data festiva do nosso jornal, depois de constatar a luta que tem travado em benefício de Melgaço e do nosso concelho, desejo que a sua vida se prolongue por muitos anos, para nossa alegria e das gerações vindouras.

Faço votos para que ao seu Director e a todos quantos com ele trabalham, Deus lhes dê muita saúde e vida para que continuem à frente desta «bandeira» que para mim continua a ser o nosso jornal «A Voz de Melgaço». Bem haja o senhor Padre Júlio Vaz.

Manuel José Côrtes
Queluz, 16 de Maio de 1996.



NÃO FAÇA MAIS CONTAS À VIDA!



CONTA INVESTIMENTO

PARA OS SEUS INVESTIMENTOS

Em qualquer terra estes são os sítios onde a massa cresce mais.

Dámo-nos bem em qualquer terra.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Alto Minho

CENTRAL FUNDOS
SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO S.A.



CRÉDITO AGRÍCOLA GRUPO

Consultório Dentário

Comunica-se aos prezados clientes e amigos que os doutores

J. António Dias Gomes e Hebe Marília Z. Gomes

Cirurgiões dentistas, que exerciam na Praça da República, transferem o consultório para o

Lugar do Poço de Santiago – Vila • Tel. (051) 44002 (Largo da Feira, perto do Restaurante Panorama)

UMA OPINIÃO COM
ASSINATURA RECONHECIDA

António e Júlio Vaz, Dois Homem - Dois Padres

Cont. da pág. 1

elevação intelectual e a hombridade exemplar com que as assumem e defendem.

Estes são os Homens hoje homenageados pelos admiradores e por todos aqueles que lhes devem a riqueza do alto exemplo de uma vida de persistente trabalho ao serviço da Igreja, da Sociedade, da educação e formação de várias gerações de ex-alunos.

Não admira que nestas duas ricas personalidades tivessem florescido duas almas sacerdotais cuja vocação para servir, evangelizar, formar e educar, foi cumprida com generosidade, entrega total, espírito de serviço, sem comportamentos piegas, sem alinhamentos em grupos e capelinhas piedosistas que, muitas vezes, não servem a Igreja toda, mas apenas igrejinhas e círculos fechados de "espiritualidades elitistas e inovadoras".

Mas estes Homens e estes Padres foram, também, Professores.

Só esta faceta, em que (também) realizaram a sua vocação, bastaria para justificar uma homenagem, tanta foi a competência demonstrada, tão fundas e positivas as marcas deixadas nos seus alunos, tão exemplar e completo foi o perfil de formadores e educadores com que souberam impor-se à consideração dos educandos.

Porque não fui aluno do Senhor Padre Júlio e embora sobre a sua actuação tenha recebido as melhores referências dos meus condiscipulos que o foram, abstenho-me de fazer mais considerações sobre esta marcante faceta da sua actuação.

Mas fui aluno do Senhor Cónego Vaz durante três anos e não posso calar a profunda admiração pelo seu trabalho, nem deixar de testemunhar a marcante e indelével influência que o seu exemplo de grande mestre transmitiu à minha vida de tal forma que o seu estilo de actuação como docente, sempre foi um farol a iluminar a minha carreira de quase quatro décadas de ensino.

Sempre sereno e imperturbável,

firmes mas delicado nas relações com os alunos, pontualíssimo no começo e fim da aula, sempre justo na avaliação e resolução dos problemas — era um modelo de dignidade, de seriedade, de elevação que impunha a disciplina como uma decorência natural e inculcava a função docente com uma actividade altamente respeitável e prestigiante.

Por isso, num tempo em que o bofetão e a chibatada eram métodos geralmente aceites como adequados e eficazes, o Senhor Cónego Vaz nunca necessitou de tais recursos para que a sua aula decorresse na mais completa tranquilidade e a aplicação dos alunos fosse mais que suficiente.

Os objectivos de aprendizagem eram claros e simples, a metodologia mais simples e mais clara ainda, tudo se processando a partir dos textos que motivavam o diálogo permanente, exemplificavam o ensino das regras e estruturas básicas da língua e provocavam o Mestre a abrir aos seus alunos amplas janelas para o mundo.

Foi esta fuga intencional à aula expositiva, foi este ensino quase enciclopédico, foi a clareza exigida na comunicação oral e escrita (objectivos que lhe eram facilitados e impostos pela sua condição de jornalista), que tornavam práticas as suas aulas e faziam delas uma copiosa e permanente fonte de informação que os seus alunos bebiam com deleite e avidez.

Ao Senhor Cónego a minha homenagem e gratidão. Aos dois, além do tributo de respeito e admiração, o voto de que continuem por longos anos a trilhar o caminho que lhes mereceu a consagração hoje recebida.

N.R. Este artigo foi publicado no jornal "Diário do Minho" do próprio dia da homenagem. O autor, Dr. Euclides Rios, além de aluno, foi depois professor no Seminário, e é, hoje, professor do ensino Secundário e responsável da Rádio Renascença em Viana do Castelo.



JOSÉ ANTÓNIO BESTEIRO

CANALIZAÇÕES, E.I.R.L.

- CANALIZAÇÕES SANITÁRIAS
- AQUECIMENTO CENTRAL
- VENTILAÇÃO

Lugar do Souto - Alvaredo • Tel. 416048 • 4960 MELGAÇO

Amadeu Armindo Esteves Pereira

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
AGENTE DE COMPANHIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

O PRESTÍGIO DE UM NOME
A IDONEIDADE AO VOSSO SERVIÇO

Av. Fonte da Vila • Tel./Fax. 051-42903 • 4960 MELGAÇO

50 ANOS, QUEM DIRIA!

O Sr. Padre Justino havia assumido a paróquia de Santa Maria da Porta, vila de Melgaço. O Augusto do Félix, o alfaiate, que fora guindado a sacristão pelo Sr. Padre António Rodrigues, foi confirmado no cargo.

Entre o jovem e bondoso sacerdote e a família do sacristão logo uma respeitosa amizade se instalou, como de resto com toda a população. O dinâmico, caridoso, afectivo, de aparência quase sílória, o filho de Parada do Monte cativo nos paroquianos que, por sua vez, procuraram retribuir em carinho e colaboração. A afeição mútua era uma espécie de "namoro" que até hoje perdura, graças a Deus.

Na primeira visita que o Sr. Padre Justino fez à casa do sacristão aproveitei para lhe demonstrar a minha tendência artística. Improvisi uma exposição espalhando no chão da sala os melhores trabalhos, desenhos e pinturas. Com a bonomia que lhe era característica apreciou-os detalhadamente, elogiou, deu opinião e arrematou a visita declarando: "... se a paróquia tivesse recursos eu nomeava-o secretário".

Não fui contratado mas colaborei com ele o mais que pude. Assentos de baptismo, casamentos e falecimentos eram por mim exarados nos competentes livros. Algumas tardes fiquei absorvendo sua cultura em amenas conversas na residência paroquial recém reconstruída por ele. Gostava de referir-se aos livros que lia e passar-me as mensagens neles contidas. Detalhe curioso que na altura me causou estranheza, o P. Justino ia sublinhando com lápis as linhas do livro à medida que ia lendo. Outra coisa que também me causou impressão, o Sr. Padre Justino, no inverno, dentro de casa andava de boina por causa do frio na cabeça e na hora das refeições não a tirava. Ora, para mim, rapaz, aquilo intimamente me escandalizou.

Na nossa casa, como, creio, na casa da maioria dos melgacenses, a hora da refeição era sagrada e tinha-se de fazer à de cabeça descoberta em sinal de respeito, fizesse o frio que fizesse.

Eu era, então, secretário ad-hoc do Sr. Padre Justino quando foi fundado o novo jornal da terra, "A Voz de Melgaço".

Foi um acontecimento de grande repercussão que mecheu com a adormecida elite de então. Parte aplaudiu e se engajou na ideia e parte desfez, torceu o nariz e previu uma vida curta. Isso porque, desde logo mostrou sua tendência de lutar pelo progresso da terra, mostrando falhas e apontando defeitos.

A pedido de seus colegas e amigos, Padres Vaz, fundadores do novo jornal, ficou o Pe. Justino correspondente da vila para anunciar o que acontecesse. Só que, não acontecia nada. Ou melhor, acontecia sim, a rotina que na altura, o após guerra, era bastante intensa, mas como eram banalidades não se consideravam notícias.

A função de correspondente, por tabela, ficou sob minha responsabilidade.

Finalmente aconteceu algo extraordinário: ardeu a casa que o Gasparinho de Galvão tinha construído nos seus terrenos abaixo da estrada. Foi numa noite e no dia seguinte, pela manhã, o Sr. P. Justino, com certa animação confidenciou-me: "... é lamentável o que aconteceu mas finalmente temos o que noticiar".

Eu lá redigi a notícia como a minha capacidade permitiu, o P. Justino corrigiu e no segundo ou terceiro número de "A Voz de Melgaço" saiu a minha primeira colaboração. Aos 17 anos iniciava a minha carreira "jornalística". Sem querer fui fundador de "A Voz de Melgaço". Este acontecimento inusitado hoje me dá alguma vaidade.

Lá vão 50 anos, quem diria?! Na altura ninguém previa, comparando com outros periódicos que existiram por curtos períodos, que este jornal fosse durar tanto tempo. Nem o jornal e muito menos eu. Vivía então uma fase inigmática da minha existência, não havia previsão para o meu futuro. Canvalescendo duma tuberculose era considerado "um prato estalado na prateleira": se fosse muito mexido corria o risco de quebrar.

O meu pai que ensinara a sua profissão de alfaiate a todos os filhos não o fez a mim. Requeria posição incómoda, o dia inteiro debruçado sobre o peito o que não era aconselhável, dizia o Dr. Sá, o médico que me tratara e que, com a colaboração de N. Sra. do Sameiro me curou.

Estava, então, numa situação de chove-não-molha. Não sabiam o que fazer comigo. Talvez aguardando a doença recrudescer e me levar desta para melhor... Como não tinha o que fazer ia fazendo o que mais gostava: desenhar e escrever. Já antes da doença enchia parte do meu tempo editando um jornalzinho infantil de permuta com o meu primo Rogério. Aliás a ideia foi dele, mais velho três anos. Por uma espécie de magia vinham ter a nossas mãos o "Senhor Doutor", o "Pim-Pam-Pum", o "Mosquito", o "Diabrete", o "Tico-Tico" (brasileiro) e outros jornais infantis. Ficávamos fascinados com aquela literatura ilustrada e tentávamos copiar. Passamos, então, a fazer nossos próprios jornais; o Rogério fazia "O Piolhinho" e eu "O Anaquinho". Não tínhamos data de publicação, quando não havia brincadeira melhor que nos empolgasse decidíamos fazer um número de nossos jornais. Cada um ia para sua casa confeccionar seu periódico. Na altura eu morava com o tio Emiliano. Desenhávamos nossas estórias geralmente baseadas no que víamos naquelas revistas. Tinha semanas que fazíamos dois e três números sobre papel de embrulho que pedíamos na loja do Sr. Hilário, a lápis de cor. Eu colecionava os jornais dele e ele os meus. Esta fase durou algum tempo.

Para tratar da moléstia que me atacara voltei para casa do meu pai e foi nessa altura que outra fase "literária-jornalística" aconteceu na minha vida. O Néca Pires também tinha tendências

literárias, gostava de escrever. Inventava empresas comerciais fictícias e escrevia ofícios, memorandos, relatórios e afins que permutava comigo. Ele escrevia à máquina naquele tempo já, antiga Royal, e eu escrevia à mão. Como eu não levava muito jeito para a forma comercial passei a fazer para ele e os irmãos, que era lido por toda a família, o jornalzinho "O Percevejo". Ainda tenho números desta "preciosidade" achados após o incêndio da casa onde morava o Papá Pires.

Mas voltando "A Voz de Melgaço": no mês de Maio imediato ao seu surgimento o Sr. Padre Carlos Vaz e o Sr. Padre Justino organizaram uma peregrinação a Fátima como regosijo pelo final da guerra e agradecimento a N. Senhora por Portugal não se ter envolvido no conflito. Entre os peregrinos estavam alguns rapazes da Juventude Católica da vila: eu, o João do Hilário, o Hilário Reis e o Zéca do Pires.

Esta peregrinação foi bastante prejudicada pelas condições do tempo em Fátima. Tinha chovido muito, o solo era barro puro. Lembro-me que, para comungar, na hora em que o Santíssimo era dado aos peregrinos ao sr. Irvre, para a ajoelhar pus no chão uma boina nova que o meu pai me dera. Ao levantar tive de deixar a boina incrustada no chão pela impossibilidade de a destacar do lamaçal.

No regresso escrevi uma crónica narrando o que foi e o que representou aquela peregrinação, para "A Voz de Melgaço". Além do jornal da nossa terra aquela minha reportagem foi também publicada no jornal "Diário do Minho", de Braga. Pelo visto vou agradecer.

O tempo fez sua viagem e nos levou com ele, cada um por seu caminho. Sempre estive em contacto com "A Voz de Melgaço". Enquanto na terra como colaborador e na longura como leitor. A distância acompanhei as venturas e desventuras que o jornal tem vivido. Momentos de quase desfalecimento e a pujança actual. A tenacidade de seus fundadores e directores até hoje, tem sido a mola mestra de tão profícua existência, muita coisa; porém, também deve a desinteressados colaboradores que lhe emprestaram sua inteligência. Mas, também, justiça seja feita, alguma coisa deve aos seus opositores, detratores e adversários graciosos. Não foram eles talvez o jornal tivesse caído em marasma e feneceu por falta de combate.

Cincoenta anos são passados; mais uma vez, inusitadamente me vejo colaborando com "A Voz de Melgaço". Como agrado? Acho que sim.

Cincoenta anos de vida num jornal é data histórica, momento na imprensa regional mantida exclusivamente por idealismo, por amor ao torrão que representa.

Parabéns aos abnegados que tem aguentado tão prolongada luta, dedicada a suas vidas a uma causa que só engrandece a terra Melgacense.

M. Igrejas



MINHOINVEST - NO TOP DA CONSTRUÇÃO

João da Costa Pereira de Macedo • Ferreira Dias & Oliveira, Lda.

CONSTRUIMOS E VENDEMOS COM QUALIDADE SUPERIOR
HABITAÇÕES • LOJAS • ESCRITÓRIOS

- "Terras do Bom Jesus" — Rotunda do Feira Nova — Braga
- "Edifícios Casa Nobre" — Av. 31 de Janeiro — Braga
- "Parque Residencial do Alcaide" — Junto ao Governador Civil — Braga
- "Parque Residencial Monte Carlo" — Rua de Santa Margarida — Braga
- "Edifício Zende Palace" — Esposende

Escritório: Av. da Liberdade, 498 - 1ª Esq. • Telef. 26535 - 616424 • 4700 BRAGA

UMA VIDA!

O primeiro número de "A Voz de Melgaço" surgiu em 30 de Maio de 1946, não tinha eu ainda dois anos de idade, brincava nessa altura despreocupadamente nos montes e campos de Cevide. (Quem diria então que aquele rapazinho viria um dia a colaborar em jornal tão importante!). Cinquenta anos é muito tempo para um jornal que vive exclusivamente do dinamismo da Direcção, das assinaturas, e da colaboração de uns quantos amadores de jornalismo que nos intervalos das suas actividades profissionais vão arranjando tempo para alinhar umas prosas.

Os jornais (se assim já se podem chamar) apareceram em Portugal no século dezassete, depois da Restauração de 1640; antes desse acontecimento havia as chamadas folhas volantes "muitas das quais, pretendendo levantar a opinião pública contra o domínio espanhol, eram passadas clandestinamente debaixo da capa." Filipe III reagiu e impôs-lhes restrições através da Carta Régia dirigida ao chanceler-mor, Cristóvão Soares: "De alguns anos a esta parte se tem introduzido nessa cidade escrever e imprimir relações de novas gerais, e porque em algumas se fala com pouca certeza e menos consideração, de que resultam graves inconvenientes, ordena-se que se não possam imprimir sem as licenças ordinárias, e que antes de as dar se revejam e examinem com particular cuidado."

Os Desembargadores do Paço e a Santa Inquisição teriam de passar a pente fino toda a obra impressa, sob pena do impressor a perder na totalidade e ainda pagar pesada multa "a metade para os cativos e a outra para o acusador." Como se vê, a censura salazarista teve aqui o seu modelo e ultrapassou-a, pois até chegou a censurar artigos escritos por gente que lhe era afecto!

A imprensa teve um grande desenvolvimento depois de 1820, ou seja, após a revolução liberal. Grandes escritores como Almeida Garrett e Alexandre Herculano entre outros, colaboraram mais ou menos assiduamente em jornais da época. Depois deles, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, não falando já de outros mestres, deixaram para a posteridade belas páginas escritas.

"A Voz de Melgaço" pode considerar-se um bom jornal regional, quer sob o ponto de vista da forma (bom papel, boa apresentação), quer sob o do conteúdo, embora pudesse enriquecer as suas páginas se nelas inserisse de vez em quando reportagens e entrevistas, mas isso acarretaria mais despesas e conseiras, ultrapassando provavelmente as possibilidades financeiras do quinzenário. Ainda por cima muitos assinantes não pagam a tempo e horas! Melhoraria também se muitos dos melgacenses espalhados pelo país e pelo estrangeiro (o Manuel é quase uma excepção) quisessem colaborar desinteressadamente

com artigos da sua especialidade; mas não, a terra para eles significa apenas uma semana de férias anualmente. Quanto às notícias em si também poderia melhorar de modo substancial se houvesse em Melgaço (além dos senhores Alfredo do Paço e Miguel Pereira) alguém que em cada freguesia as recolhesse e as enviasse para Braga. Podiam mesmo ser remetidas em bruto — depois seriam trabalhadas na redacção). Há pessoas que pensam que não têm jeito para escrever; como sabem, se nunca experimentaram? As sessões da Câmara deveriam também ser publicadas, pois tudo que aí se trata diz respeito ao concelho e ao cidadão. A Conservatória do Registo Civil deveria igualmente fornecer os registos de nascimento, casamento e óbito (nos jornais antigos era assim que se procedia), tudo isso faz parte da vida de uma comunidade e a todos interessa, até para futuros estudos na área da estatística, da economia e da história.

Os objectivos deste jornal foram expostos no seu primeiro número (páginas 1 e 3): "...interessam-nos, sobretudo, as coisas de Melgaço e não tanto as pessoas; não vamos guerrear, vamos construir." Por outras palavras: os conflitos individuais, o egoísmo, o falso bairrismo, a mesquinhez, serão arredados das nossas colunas e somente as obras, os interesses gerais, serão focados e estimulados. Não sei se estes objectivos foram sempre escrupulosamente cumpridos e respeitados; há quem diga que não. Mas quem será capaz de exigir mais e melhor a pessoas que se privaram de muita coisa para se dedicarem de corpo e alma a uma empresa cujo lucro não se traduz em dinheiro mas apenas em trabalho, gastos e disabores? E em troca de quê — prestígio, glória?! Quão mais fácil será conseguí-los noutras paragens, noutras climas.

Ao longo destes cinquenta anos muita coisa aconteceu, quer interna, quer externamente. "A Voz de Melgaço" teria forçosamente de reflectir essas mudanças. De 1946 (ano em que o jornal nasceu) até Abril de 1974 não era fácil (nem mesmo para aqueles que não hostilizavam o regime, como é o caso) manter uma linha de rumo coerente e imparcial; pois "A Voz de Melgaço", de uma forma ou de outra, conseguiu-o. Não bajulou ninguém, não se sentou à mesa do poder como o fizeram outros, cujos princípios ideológicos os obrigaram, pelo menos moralmente, a afastar-se, a opor-se pelo silêncio e pela discriminação a um regime opressor e bígamo. Eu sei que a maioria dos leitores não tem o raro privilégio, como eu tenho, de se instalar, sempre que haja uma hora disponível, nas cadeiras da Biblioteca Nacional e passar um por um os jornais que se publicaram ao longo dos anos em Melgaço; sei que a memória das pessoas é curta e a tendência é para esquecer; sei que os tempos eram outros e que o analfabetismo, a

ignorância, o servilismo e a subserviência torpe grassavam no nosso concelho, impedindo as gentes humildes de ver aquilo que as rodeava, não distinguindo, ou distinguindo mal, aquilo que as favorecia ou prejudicava. Criaram-se facções, pequenas tribos, cujo chefe punha e dispunha dos seus seguidores. "A Voz de Melgaço", através da palavra justa do Padre Júlio Vaz deu, ou pelo menos tentou dar, algumas estocadas bem dadas nesses caciques de meia tigela. É bem verdade que foi a queda do regime que provocou por arrastamento a sua queda, mas de qualquer modo sempre tiveram um dedo apontado à sua arrogância e desprezo pelos valores humanos e locais.

A missão de um jornal não é o de separar, mas sim o de unir as pessoas; este quinzenário tem-no conseguido admiravelmente. Claro que todos gostam de ouvir elogios do que criticam; mas estas, quando fundamentadas, servem para corrigir erros ou imperfeições que até aí passaram despercebidas aos responsáveis. Ninguém se arroge a pretensão de tudo saber; é na troca de opiniões, no diálogo aberto e simples, que as ideias brotam do nosso cérebro. A democracia não é uma palavra sem sentido, é praticando-a que nós conseguimos dar corpo e vida às ideias, e este jornal é um bom modelo de democracia, pois nele colaboram pessoas de vários quadrantes políticos, com visões diferentes do mundo, havendo assim a possibilidade de se discutirem os assuntos sob diversos ângulos, com perspectivas divergentes ou até antagónicas. Claro que "Voz" não é o mesmo que "vozes", mas os limites terão a ver, quanto a mim, com a educação, a tolerância, a razoabilidade, a convicção de que se está a contribuir para o bem da nossa terra de nascimento.

A Voz de Melgaço é um ponto de encontro entre melgacenses ou descendentes destes; é a carta que gostamos de receber de quinze em quinze dias com notícias dos nossos conterrâneos. Espero bem que esta missiva continue a ser-nos enviada e que as suas páginas se encham cada vez mais com a palavra amiga de novos colaboradores para que a chama jamais se extinga.

Penso que me alonguei um pouco e possivelmente até me excedi naquilo que disse, mas isto é também um desafio ao próprio jornal: um mar de ideias é, quanto a mim, melhor do que um pequeno rio.

Daqui a cinquenta anos muitos de nós não estarão cá para ler as páginas de "A Voz de Melgaço" ou para tecer loas à Direcção, apesar das expectativas de longevidade criadas pela ciência médica, mas estarão certamente os nossos filhos e os nossos netos e esses sim, serão os nossos maiores críticos, pois serão eles que julgarão a nossa obra, ou a ausência dela.

Abril 96
Joaquim A. Rocha

O P. Carlos visto pelo seu espólio epistolar

XXIX

Trata em Paris do emprego dos emigrantes!...

As cartas recebidas e guardadas pelo P. Carlos mostram-nos facetas da sua vida inimagináveis sobretudo comparadas com a atitude dos políticos e demais responsáveis na matéria.

Primeiro foi a luta em Lisboa nos ministérios em ordem a abrir as fronteiras aos emigrantes após a II Grande Guerra. Referimos-nos aos países da Europa.

De seguida foi a luta pertinaz de cada dia em ordem a conseguir emprego para os que emigravam.

O Ministério do Interior dispunha da Junta da Emigração para o efeito. Pois bem, não satisfeito com ir ao ministério tratar do caso, logo que a Junta foi criada e teve sede em Paris, foi até lá para obter conhecimentos e, de seguida, escrever-lhes sempre que disso havia necessidade.

A carta, que a seguir publicamos fala-nos de Constantino Pires, de Cavaleiro Alvo, S. Paio.

Foi admitido numa empresa, mas a Junta da Emigração não permitiu e teve de ir para a fila esperar que lhe chegasse a vez.

Pelo visto, a empresa havia-

se comprometido a não empregar mais emigrantes portugueses sem autorização da referida Junta e a lista de interessados chegava a 100.

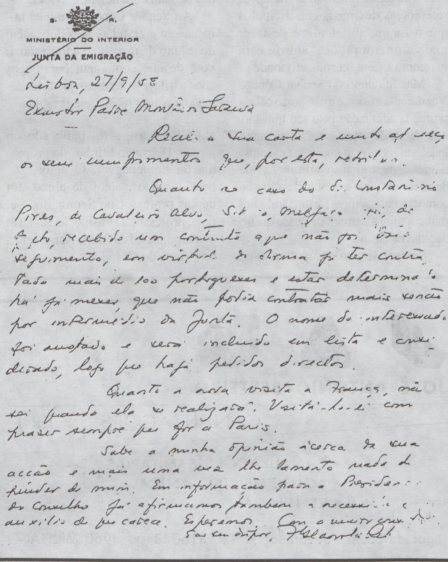
O Sr. Constantino teve que voltar para casa e esperar ali que novo pedido da dita empresa permitisse incluí-lo no número dos felizardos.

O P. Carlos ficou surpreso com o que se passara e escreveu para a Junta, a pedir informações. Já ninguém recorda nem porventura os por ele beneficiados quanto foi necessário lutar a fim de conseguir emprego para os emigrantes, já que, tempo depois, as circunstâncias mudaram e tornaram tudo mais fácil.

Convém recordar estas e outras coisas aos de agora afim de fazer uma ideia do que eram esses tempos.

Penso que a gente que só ele, ao menos que saibamos, levava a sério tudo isto, chocado como ficava de todas as vezes que um emigrante apenas queria trabalhar e não tinha onde...

Eis a carta:



Adega Regional «Sabino»
DE: Manuel Augusto de Castro
ALMOÇOS • JANTARES • CHURRASCOS
SARDINHA ASSADA
BACALHAU NA BRASA E PETISCOS
Largo Herm. Solheiro • Telef. 44576 • 4960 MELGAÇO

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA.
Transportes ao Domicílio de Mercadorias para Portugal e Estrangeiro
IGREJAS - ROUÇAS • 4960 MELGAÇO
TELEF. PORTUGAL 051-44101 • TELEF. FRANÇA 46.64.28.32

ELABORAÇÃO DE PROJECTOS DE ENGENHARIA
A. Moura Lopes
ENGENHEIRO CIVIL
R. Dr. António Durães, 3º Dto.
Tel. 051-44206 • 4960 MELGAÇO

SENHOR COMERCIANTE, DESEJA EXPANDIR O SEU NEGÓCIO?



Depois de fechar a loja, vá imediatamente ao Totta mais próximo. Nem imagina o que de bom lhe pode acontecer, a si e ao seu negócio. O Banco Totta & Açores sabe que as necessidades e as expectativas dos comerciantes e pequenos empresários individuais são cada vez maiores; foi precisamente por isso que criou o Crédito Totta Comerciante.

Para si Sr. Comerciante, para além da linha de crédito, que pode usar para adquirir, construir ou remodelar os equipamentos necessários ao início ou desenvolvimento da sua actividade, temos também um conjunto completo de produtos e serviços, e ainda uma novidade que o vai ajudar a promover as suas vendas.

Então? Está à espera de quê? Feche a loja. Vá ao Totta!

CRÉDITO TOTTA COMERCIANTE.

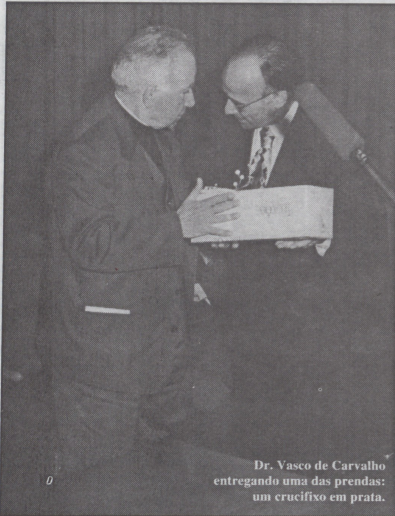
só 2.250\$00*/MÊS, POR CADA 100 CONTOS DE EMPRÉSTIMO.

*INCLUI JUROS, DESPESAS E ENCARGOS.



BANCO TOTTA & AÇORES

Mais algumas fotos da Comemoração dos 50 anos de vida!



Dr. Vasco de Carvalho entregando uma das prendas: um crucifixo em prata.



D. Eurico felicitando.



Dr. Augusto Pimenta de Almeida entregando outra prenda, um dos volumes da História de Portugal de José Matos, em 8 volumes.



Guilherme Morceira, presidente da Associação dos Antigos Alunos dos Seminários.



Dr. Vasco Carvalho, da A.P.I.R.



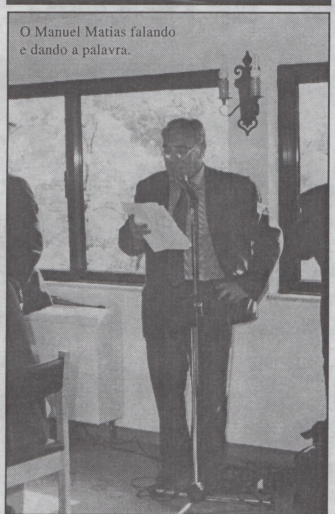
Dr. João Vale Ferreira do Instituto Português de Imprensa Regional (I.P.I.R.)



O.P. Alberto Azevedo, recordando que a "injustiça é vizinha da glória e manifestando todo o apoio.



A solista Dr. Teresa Couto, entoando numa canção. A piano, o Dr. António da Costa Gomes, antigo aluno.



O Manuel Matias falando e dando a palavra.



P. Dr. Sebastião Ferreira Vigário Geral de Viana do Castelo



P. Domingos Brandão, arcebispo de Braga.



Cónego Valdemar Gonçalves declamando um poema de sua autoria



Comendador Albérico Fernandes, natural de Monção, administrador de empresas.

Mais algumas fotos da Comemoração dos 50 anos de vida!



Uma outra faceta da Assembleia.



O Grupo Coral da Senhora-a-Branca, dirigido pelo Dr. Júlio Vaz.



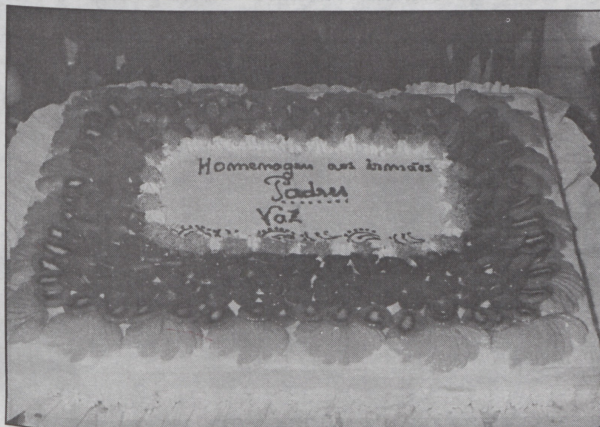
Com as 3 sobrinhas: Ana, Carla e Luísa, antes de cortarem o bolo.



O sentido e o símbolo da gratidão: Dr. Augusto Pimenta de Almeida, exercendo cargo de direcção na "Caja de Ahorro de España", dividindo a sua vida entre Lisboa e Salamanca para gerir a instituição bancária em Portugal e em Espanha, Presidente da Assembleia Geral dos Antigos Alunos dos Seminários, convivendo fraternalmente com os dois homenageados.



O Dr. Vítor de Sousa, Vereador da Câmara de Braga, associando-se, em nome da Câmara à homenagem.



O Dr. Isaías, advogado, vindo de Lisboa, saudando os antigos mestres.

F A Z E R A N O S !

Toda a gente, neste mundo,
Se dispõe anos contar;
Uns com desgosto profundo;
Outros, prontos a cantar.

Fazer anos é tolice
Para quem jovem quer ser;
Mas p'ra quem quer a velhice...
... Uma alegria a valer!

Todos deviam fazer
Anos só até aos trinta;
Depois, então, desfazer
Os anos com «grande pinta»!

Mas isso não pode ser
Nem que tal se desejasse;
Não se pod'ria morrer
Nem jovem que se casasse!!

Mas hoje é tudo diferente
Com esta «Voz de Melgaço»!
Sempre tem ido p'ra frente
E jamais sentiu cansaço.

Fez vinte, trinta, quarenta
Sempre com a mesma «mira»;
Hoje está a fazer cinquenta...
«Grande folha que se vira».

Sempre foste um quinquenário
Na terra da Grande Inês;
Desejo-te aniversário
Bem feliz, mais uma vez.

Vou hoje pedir a Deus,
Ó minha «Voz de Melgaço»
P'ra que os dias meus e teus
Contem sempre c'o Seu braço!

José
Serrano

TELEFONES ÚTEIS:

Bombeiros Voluntários	42599
Câmara Municipal	42310
Centro de Saúde	42334
Centro R.S.Social	42430
Despertar	161
E.D.P.	44819
Emergência (S.O.S.)	115
Escola C + S	42329
Farmácias de Serviço:	
- Dias Ferreira	43312
- Durães	42249
G.N.R.	42346
Informação Meteorológica	150
Protecção à Floresta (Número nacional)	117
S.O.S. (Grávida)	01-3952143
Tribunal Judicial	42248
Turismo (Delegação Local)	42440
Urgências (no Centro de Saúde)	42385
Estabelecimentos com dormidas:	
- Albergaria Boavista - Peso	416464
- Pensão Pomba	42555
- Residencial «Miguel Pereira»	44603

Casa Paris

Fundada em 1966

de Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobre • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO



Farmácia Dias Ferreira

DE

D.^{ra} Júlia Eduarda Dias Ferreira

Uma luz que
nunca
se apaga

EM SERVIÇO PERMANENTE
24 HORAS POR DIA

ESTRADA NACIONAL
TEL. 43312 • MELGAÇO

MOSTEIRO DE FIÃES

Deixem-se de elogios fúnebres, amigos. Pensem mas é no futuro!...

A Escola Secundária de S. Maria Maior de Viana do Castelo levou a efeito em 15 de Maio um encontro de professores em Monção e Melgaço. Deu-lhe o nome de «Alto Minho «Arte e Alvarinho» com visita obrigatória e guiada às igrejas de Paderné, Matriz da vila de Melgaço, Orada, Chaviães e Fiães.

Alvarinho exigia a visita à Adegas Cooperativas de Monção com palestra sobre a importância do Vinho Alvarinho na economia do Alto Minho, seguindo-se uma prova do precioso néctar.

No prospecto punha-se o acento tónico apenas no Alvarinho esquecendo tudo o mais. Foram as invasões romanas que descobriram o vinho verde regional, não constando dos textos, que sabemos, o vinho verde

branco com esse restritivo de «Alvarinho». Havia uma uva negra que se julgava perdida, nos últimos tempos, mas que, ao que supomos, parece ter sido descoberta ultimamente mas não ainda devidamente explorada. O comércio para o exterior, primeiro para a Cidade Eterna em odes aos ombros de escravos ao longo do rio Minho e desde Orense pelo menos, transportado de seguida em navios para Roma. Ali era guardado como preciosidade rara nos baixos das casas da capital do império sob a neve dos Apeninos e, ao depois, servido nos famosos jantares da burguesia romana, que deixaram fama na história.

Foi esse vinho exportado desde Viana do Castelo para a Inglaterra.

O Alvarinho é mais recente. De quando, não sabemos, mas conviria que os peritos no-lo dissessem.

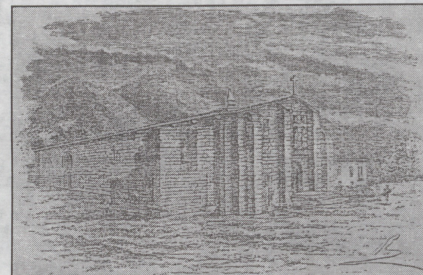
A caravana sobe até Melgaço, onde é recebida pela edilidade com discurso sobre a história de Fiães do escritor Doutor José Marques que, ao que supomos, é o que melhor conhece os velhos pergaminhos do

Paderné salvou o edifício monacal ao lado da Igreja bem que o espólio ou documentação histórica sejam mínimos relativamente a Fiães. Paderné progrediu, é quase vila; Fiães nem sequer tem um café para atender as visitas ou turistas da igreja do mosteiro. Já não falamos em restaurantes, edifício para museu, sala de conferências e reuniões etc. etc.

Felicitando embora a iniciativa pelo que tem de positivo e exasperante para a pasmaceira local, fazemos votos para que ela sirva de ponto final a um tempo de vergonha e de inércia lamentáveis.

Continuaremos, se Deus quiser.

«O Minho Pitoresco» viu o que restava do convento de Fiães segundo o desenho que publicamos.



Igreja de Fiães, segundo um "croquis" do Sr. José Pedreira

Segundo as normas de Cister, não havia torre, mas apenas um terço dela, onde fora colocado o sino grande do mosteiro.

Ao que diz a tradição, quando ele bimbalhava, ouvia-se em Ganfe, Valença, e na Gave, entre outros.

Há anos, relativamente poucos, decidiram subir mais a torrezinha e assim desfiguraram o conjunto, já que, neste particular, já não obedecia às normas da casa-Mãe.

Sugeria que chamassem pessoa entendida, um monge de Cister de Osera, Orense e um arquitecto e deitasses já — mas já essa parte abaixo.

Uma coisa é a história; outra, o, eventualmente, bonito...

Luis de Castro



PANIFICADORES DE MELGAÇO, LDA.

CORREDOURA - PRADO
4960 MELGAÇO
TELEFONE 44666
POSTO DE VENDA NA DR. AFONSO COSTA
VILA - MELGAÇO

Pão, o melhor alimento para toda a gente

PAMEL - Todos os tipos de pão e produtos afins da mais alta qualidade, motivo da preferência do consumidor.

PAMEL - Fabrico exclusivo das verdadeiras «maçarocas».

PAMEL - Eficaz serviço de distribuição em todo o concelho.

PAMEL - Inovação constante, agora com a instalação de novos fornos a lenha.

PAMEL - Pão quente a toda a hora.

PAMEL - Símbolo de qualidade.

FARMÁCIA DURÃES



DIRECTORA TÉCNICA

*Dra. Maria da Conceição Melo Morais
Pinheiro Gonçalves*

Licenciada em Ciências
Farmacêuticas

*Meio Século
ao Serviço da Saúde*

Praça da República
Tel./Fax 42249 4960 MELGAÇO

PELA NOSSA TERRA



A Escola de Música dos Bombeiros de Melgaço deslocou-se em fins de Março a Santa Iria da Azoia (Arredores de Lisboa). A actuação foi numa Sociedade Recreativa. Parece que a convite do responsável musical daquela Sociedade, que é amigo do responsável musical da Escola de Música dos nossos Bombeiros.

Embora com poucas informações, a actuação musical agradeu em cheio a toda a assistência. Parabéns a todos!

Durante uma curta estadia em Melgaço, passei a vista por vários jornais regionais e fiquei surpreendido com várias notícias referentes a Melgaço que estavam publicadas nos jornais Diário do Minho, de Braga, Notícias de Viana, A Paneira, da Galiza, e Melgaço hoje, notícias que não foram publicadas na mesma altura no jornal «A Voz de Melgaço».

Imagine-se, para se saberem as notícias da nossa terra, tem de se comprar os jornais de outras terras, quan-

do Melgaço tem um jornal do qual se pode orgulhar.

O que também surpreende é que haja em Melgaço pessoas capazes de enviar notícia para jornais de outras terras e não haja as mesmas ou outras pessoas que enviem notícias para o jornal da nossa terra. Falta de bairrismo ou desprezo pelos leitores do jornal A Voz de Melgaço?

O jornal «A Voz de Melgaço» tem cinquenta anos, que é prova mais que suficiente — apesar das suas imperfeições e quem é perfeito? — para que todos os Melgacenses do coração, continuem a acreditar que ele — jornal — é a carta maior e mais desejada da família Melgacense que longe da sua terra «vive» também em Melgaço.

O «nosso» jornal já é grande, mas será ainda maior, quando todos os Melgacenses, mesmo os que agora lhe «songam» as notícias ou até alguma colaboração, quiserem acreditar que ele — jornal — é o maior e porque não o melhor? — representando da nossa Terra no País e até no Mundo.

Saibamos todos ser bons Melgacenses!
Carlos Afonso

Exmo. Senhor Director do Jornal A Voz de Melgaço

Como o senhor doutor Francisco Sampaio, Presidente da Região do Turismo do Alto Minho, parece não ter gostado do que por mim foi referido, sobre a má representação de Melgaço na Bolsa de Turismo, realizada em Lisboa em Janeiro passado,

agradeço que no jornal «A Voz de Melgaço» possam ser publicadas notas para esclarecimento das inverdades que o senhor doutor Sampaio encontrou.

O senhor doutor F. Sampaio contenta-se com poucas coisas, bastante-lhe dizer que a representação do Minho englobava vinte concelhos, entre os quais estava o concelho de Melgaço, representado por uma fotografia da Igreja Matriz. Contudo, essa maneira de se representar um concelho-Melgaço-com a fotografia de uma igreja e numa Exposição de Turismo Internacional, acho eu que é para ficar triste com tanta pobreza...

Eu estive bem dentro do pavilhão do



Alberto Afonso

Minho: junto das garrafas lá expostas, à procura do vinho Alvarinho, por curiosidade, mas não vi lá tal nome, embora o senhor Dr. Francisco Sampaio afirme que várias pessoas beberam vinho Alvarinho: do que eu não duvido...

Não vi, talvez por distração, a fotografia da Igreja Matriz, mas muitos outros pavilhões nacionais e estrangeiros

cheios de muitas e variadas coisas, mas não só com fotografias...

O que muita gente não entende, é que não haja nada de Melgaço para mostrar nas representações turísticas, e haja pavilhões cheios de produtos regionais nas feiras (este ano a segunda) organizadas pela Câmara Municipal.

O senhor doutor F. Sampaio que de certo tem o privilégio de viver onde nasceu, não sabe avaliar a alegria que se sente quando longe da nossa terra encontramos algo de agradável que no-lo faça recordar com mais saudade, nem sabe sentir a tristeza, quase raiva, que nos invade quando dela (nossa terra)

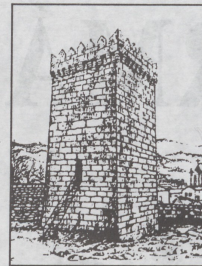
nada encontramos...

Mão posso afirmar, por falta de provas, que Melgaço tenha sido ou esteja a ser marginalizado em assuntos turísticos ou outros, mas razões para desconfiança existem.

Em Melgaço ao longo dos tempos vão acontecendo coisas estranhas para uns, mas, talvez, até, normais para outros! Assim, há muitos anos, uns senhores de Monção, quiseram construir uma casa no fim da linha férrea para impedir que o comboio não pudesse chegar a Melgaço. O ano passado foi inaugurada uma nova estrada desde Monção até S. Gregório e o curioso foi que essa estrada sem que alguém tenha dito por quê, a partir da Valinha até S. Gregório, ficou dois metros, mais estreita do que a estrada que vai para Valença! Este ano, a Região do Turismo do Alto Minho, numa Bolsa do Turismo Internacional, em Lisboa, representou Melgaço com a fotografia da sua Igreja Matriz, que nem é a igreja de mais valor arquitectónico do nosso Concelho...

E ainda há quem diga que não há bruxas, mas que as ai, ai, como dizem os «nossos Irmãos» galegos

Alberto Afonso



POSTAL

Por:
Manuel António Esteves

1. MOSTRA DE PRODUTOS LOCAIS.

Realizou-se a II Mostra de Produtos Locais cujos objectivos foram: Divulgar os produtos do concelho, promover e valorizar os produtos locais; Preservar os usos e costumes tradicionais; Dinamizar o desenvolvimento do meio rural e informar e esclarecer as populações.

Se as expectativas mais optimistas «foram superadas», no dizer do Presidente da Câmara, objectivos há que só serão possíveis de alcançar com um trabalho contínuo. É bom avaliar o trabalho desenvolvido, é aconselhável continuar a apostar na



Manuel António Esteves

«prata da casa», no estreitamento das relações com os vizinhos galegos e não esquecer os nossos produtos: Vinho Alvarinho, presunto, enchidos, mel, lampreia, broa, linhos, bordados... Gastronomia que deve ser rica, suculenta e diversificada. Gastronomia que deve ser elevada a património municipal!

2. «PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MELGAÇO DESRESPEITA O PRINCÍPIO DO CUMPRIMENTO DOS PRAZOS LEGAIS DE CONVOCAÇÃO DAQUELE ÓRGÃO, DE FORMA OBSTINADA E PREPOTENTE».

Depois de os vereadores do PSD na Câmara de Melgaço acusarem a maioria socialista, e principalmente o seu Presidente, «de actos de irregularidade, de tráfico de influências,

corrupção delapidação do património, uso de meios e materiais públicos em proveito próprio ou do Partido Socialista», vêm agora os seus membros na Assembleia Municipal denunciar a «ditadura» e «prepotência» instaladas na Assembleia Municipal.

Mais, falam de «suspeitas de adulteração dos processos que a Câmara remete anualmente ao Tribunal de Contas...» De acções desrespeitantes das regras democráticas e (dos deputados municipais). Irregularidades, erros formais... Prepotência e caciquismo... Acusam o Presidente da Assembleia de

aceitar do executivo camarário e colocar à análise e votação do órgão a que preside um documento indevidamente elaborado... com deficiências nomeadamente, não estar paginado, não constar se foi aprovado em reunião de Câmara, não estar assinado ou rubricado, não possuir anexos justificativos dos encargos... Tudo isto é muito estranho! Será que isto se passa em Melgaço?

As cadeias que transportam a relação política estão a tornar-se demasiado pesadas para que não seja legítimo, como melgacense, desconfiar da sua acção.

Não devemos esquecer que a Assembleia Municipal é o espaço privilegiado do debate político, da troca de ideias. Quem abdica da discussão abdica da razão!

Algo está mal no concelho de Melgaço!

Maio/95

ALBERTINO GONÇALVES

Apresentou estudo sobre emigrantes na Biblioteca Pública de Braga

O Melgacense, Albertino Gonçalves, professor e Director do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade do Minho, apresentou, no dia 8 de maio, na Biblioteca Pública de Braga, o livro «Imagens e Clivagens» editado pela Afrontamento.

O Professor Doutor João Arriscado Nunes, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, fez a sua apresentação.

Com «Imagens e Clivagens», Albertino Gonçalves procura compreender o que somos, isto é, procurar estudar Portugal país de duas facetas:

os que estão cá e os que estão lá fora. A figura do emigrante está omnipresente. Figura essa que nos surge controversa e polémica.

O emigrante, que é móbil geográfica e socialmente, ocupa uma posição elástica e fluida no espaço social. Inconsciente, reúne atributos aparentemente incoerentes, típicos, separadamente, de várias categorias sociais. Estes traços, indefinição e incongruência, confluem para que a sua figura protifigie como uma charneira de símbolos dada a múltiplos usos na luta da classificação social.

Os «discursos» sobre emigrantes, que Albertino Gonçalves nos apresenta em «Imagens e Clivagens», podem, assim, visar outros destinatários.

Parabéns amigo Tino!

Manuel António Esteves

A MELGACENSE

PADARIA • PASTELARIA

Rua 1º de Maio • 4960 MELGAÇO
Telefones (051) 42948 - Residência 47133

MÁRIO GONÇALVES

CARPINTARIA E CONSTRUÇÃO CIVIL

Soalhos, forros, vistas, rodapés, portas, janelas, aros, escadas, cozinhas, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

FORNECIMENTO E COLOCAÇÃO

Rua Fonte da Vila • Telefone 44482 • 4960 MELGAÇO

PALAVRAS DE D. EURICO

A Minha Homenagem aos Irmãos Padres Vaz

Congratulo-me vivamente com a significativa e bem merecida homenagem, promovida por numeroso grupo de personalidades que conhecem de perto os Homenageados, deles tendo recebido lições que frutificaram. Felizmente a gratidão continua a ser timbre das almas nobres.

Associando-me, de todo o coração, à homenagem, felicito afectuosamente os dois irmãos em casa: senhores Cónego António e Padre Júlio Vaz.

Não tive o prazer de com eles conviver porquanto, quando viviam a fase mais operosa da sua caminhada existencial, encontrava-me eu longe de Braga: em Coimbra, antes de 1965, e depois na África — oriental e ocidental — donde só regressar, há menos de vinte anos.

Mas sempre acompanhei, de longe, a multifacetada actividade de ambos, sobretudo através da leitura, para mim muito instrutiva e apreciada, do "Diário do Minho", no tempo em que, na cidade de Mondego, fui colaborador assíduo e mesmo chefe de redacção



D. Eurico usando da palavra.

do "Correio de Coimbra". Em Braga, onde vim parar há dezoito anos por destino da Providência, voltei a ser leitor assíduo de ambos, apreciando os seus escritos, quer em publicações periódicas, quer em trabalhos de maior fôlego, que foram saindo — e felizmente continuam a sair — das suas mãos; ou melhor: das suas penas de ouro, de-

pois de gerados no cérebro e vivificados no coração.

Que Deus conceda a ambos dilatados anos de vida com boa saúde, a fim de proseguirem na rota das suas brilhantes caminhadas, rumo à Casa do Pai... sem pressa. Braga, 1996-05-18

Eurico Dias Nogueira
Arcebispo Primaz

UMA CARTA MUITO ESPECIAL

Antigo aluno D. Joaquim Gonçalves Bispo de Vila Real

Vila Real, 18 de Abril de 1996
Exmo Senhor
Dr. Guilherme de Freitas Moreira
ASSASB — Seminário de Santiago
4700 BRAGA

De regresso de Fátima, acabo de ler a carta relativa à homenagem que pensam prestar aos dois sacerdotes Cón. A. Luís Vaz e P. Júlio, antigos professores do Seminário.

Agradeço muito o convite. Acontece que, nestas terras, o tempo de maior trabalho pastoral é agora, depois da Páscoa, e, por essa razão, não poderei deslocar-me nessa data.

Aproveito, entretanto, para testemunhar a minha gratidão aos dois ir-

mãos, cujas aulas não esquecerei: do senhor Cón. Vaz, o encorajamento na educação literária e estilística da Língua Portuguesa e mesmo iniciação ao jornalismo; do senhor P. Júlio, a reflexão sobre a História de Portugal, num estilo completamente novo para nós. Foram ambos, cada um a seu modo, professores marcantes na estruturação mental do período final do Curso de Preparatórios. A eles, pois, a minha saudação e testemunho público de agradecimento, com votos de muitos anos de vida.

Queira aceitar os meus respeitosos cumprimentos,

Joaquim Gonçalves

Como nasceu um jornal em 1-6-1946

Certo dia, há cinquenta anos, um grupo de Melgacenses, devotados de alma e coração, aos interesses da nossa terra minhota, e resolvidos a sacudi-la do marasmo e apatia, em que se encontrava, por meio dum órgão de informação vibrante, que pleitasse, junto das esferas superiores do Governo, Ministério das Obras Públicas, ou do então incipiente, órgão de Turismo, os melhoramentos necessários, para o seu desenvolvimento e progresso, uniram esforços, venceram resistências, contrariedades, e até más vontades, com decisão, pertinácia e transbordante entusiasmo que incutiui até no ânimo, dos mais pessimistas, e de tanto porfiar, lograram finalmente, realizar o seu sonho, conseguir o seu objectivo, fundar o seu e nosso Jornal Quinzenário — A Voz de Melgaço, cuja primeira tiragem, se efectuou a 1-6-96. Estava lançado, pois, um novo órgão de informação, que na altura muita gente, julgou de efémera duração, dada a debilidade económica do Concelho, que perdurava desde a crise Mundial de 1929, acrescida ainda pela Guerra Civil Espanhola, e a 2ª Guerra Mundial, terminada um ano atrás. Contudo, os intrépidos fundados, não desanimaram, especialmente, o padre Carlos, que apesar das procelas, borrascas, dissabores, falta de numerário, com paciência oriental, ou de frade capuchino, paulatinamente foi superando, todas as vicissitudes e o Jornal foi singrando até aos dias de hoje, e assim a sua longa história, durante este meio século, é um rosário bem documentado, de petições, alvítes e polémicas em prol da terra melgacense e seus municípios, de censuras, quando a obra ou melhoramento em si, não merece elogios, mas que também nunca regateou aplausos, sempre que os benefícios, eram necessários, correctos e adequados. E, isso sempre com isenção e imparcialidade, virtudes, que todo o bom Jornal deve possuir. Pelas suas colunas, ao longo destas cinco décadas, passaram insignes intelectuais, sacerdotes e doutores, letrados e jornalistas, que emprestaram ao Jornal a sua valiosa colaboração, alguns dos quais, não fazem mais parte, do

número dos vivos porque, pela lei da Morte, desta vida se foram libertando. A começar pelo P.º Carlos, citarei ao acaso, alguns como o historiador, P.º Bernardo Pintor, há pouco falecido, professor Dámaso Lopes (Grilo), Mário, António Reinales, Aurélio Barbosa, Dr. Abel Varela Seixas e outros que me fogem à memória. Dos vivos, na ribalta temos, o actual Director, P.º Júlio Vaz e seu mano cónego António Vaz, que de parceria com o falecido Dr. Júlio Douteiro Esteves, salvo erro, tiveram grande destaque, na fundação do Jornal. Dos demais colaboradores do nosso Quinzenário, não vou citar nomes, para que por lapso, omita alguém. Só direi, que todos os que nele pontificam com seus artigos e achegas, para uma boa Administração do Concelho, seu progresso e engrandecimento, o fazem pelo grande amor, que dedicam à sua terra natal. Desejo pois, nesta data querida, que vai transcorrer, no próximo 1º de Junho, e o nosso Jornal celebra as suas Bodas de Ouro apresentar à Exma. e distinta Directoria lembrarão ainda Carlos Nuno, os meus cumprimentos e congratulações, por este Feliz Evento, com o desejo de muita saúde e anos de Vida, e ao Jornal um próspero e promissor Futuro e que a próxima geração possa festejar o seu Centenário de existência. E, mantendo sempre a mesma linha de Combate e Conduta: Por Deus, Pela Pátria, Pela Família e por Melgaço e seus municípios. Aos colegas-colaboradores, um apelo de que continuem a pugnar pelos interesses da nossa linda terra.

E, como preito de homenagem, In Memoriam, por aqueles que em vida contribuíram com o seu esforço, para que o nosso jornal, subsistisse ao longo desta caminhada e até aos dias de hoje, e que dormem há muitos anos no Seio do Senhor, sugiro se mande rezar uma Missa, em sufrágio de suas Almas, por seu Eterno Descanso. E, por último, Deus N. Senhor, nos conceda saúde a todos, bem assim a todos os assinantes, proteja o nosso jornal, contra os seus inimigos e o Poder das trevas.

Zé do Rio Trancoso
S. Paulo, 19 de Maio de 1996

UM TELEGRAMA TAMBÉM SIGNIFICATIVO

FAX 053-615285
CÓNEGO ANTÓNIO VAZ E PADRE JÚLIO VAZ
SEMINÁRIO CONCILIAR RUA SANTA MARGARIDA
BRAGA

TESTEMUNHO PRESENÇA CONSIDERAÇÃO APREÇO, CUMPRIMENTOS FELICITAÇÕES
D. ARMINDO LOPES COELHO
BISPO DE VIANA DO CASTELO

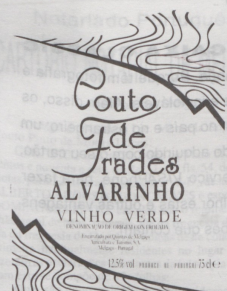
Quintas de Melgaço

VISITE A VOSSA ADEGA
PROVE OS VOSSOS VINHOS



Agricultura e Turismo, S.A.
Tel. 44637 — ALVAREDO

ALVARINHO DE MELGAÇO
PARA O MUNDO



Beba os nossos vinhos, com moderação e revitalize a sua saúde!!

PALAVRAS SIMPLES EM TEMPO DE ANIVERSÁRIO

«Escrever é dar (...) O escritor concebe a literatura como o exercício permanente da generosidade».

Jean Paul Sartre, Situations II

«A voz do escritor encontra — costuma-se dizer — a sua voz mais profunda na sinceridade...»

Camilo José Cela (Ao Serviço de Algo)
Obras completas

Fará em Janeiro próximo 40 anos que publiqui em «A Voz de Melgaço», o meu primeiro trabalho — um soneto campestre, ingénio, expressão de um espírito jovem, enlevado e surpreendido com algo que não foi capaz de guardar dentro de si.

Desde aqueles recuados tempos nunca mais o reli, mesmo que por recurso a uma colecção de qualquer

biblioteca pública, já que o primitivo exemplar se perdeu há muito, com outras coisas mais, — com grande pena minha — na voragem da vida...

Mas tenho bem presente a sensação estranha, ao mesmo tempo gostosa e tímida, de que aquele pedaço da minha alma em letra de forma (como então se dizia...) e, ao mesmo tempo, a expectativa do que pensaria o «mundo» de tamanho atrevimento, posto que o tivesse subscrito apenas com o meu nome próprio — Alberto Magno — tão indecifrável (cuidava eu) como o mais misterioso dos pseudónimos...

Não foi assim. Cedo me chegaram, por intermédio de familiares próximos, as congratulações dos responsáveis pelo jornal, e o aplauso e o incentivo de que fosse por diante. E o facto é que nunca mais parei com sucessivos trabalhos numa torrente caudalosa e imparável tal a ânsia de comunicação...

Já aqui há uns anos, não muitos, e durante uns momentos de convívio, tive ocasião se pedir desculpa ao Senhor Padre Júlio Vaz por tanta ingenuidade — que só a veracidade dos anos justificava — e agradecer-lhe a compreensão, o carinho, o incentivo. Respondeu-me então, de pronto, aquele meu ilustre, querido e venerado Amigo, com aquela firmeza e sinceridade que são, como se sabe, dois dos traços mais notáveis do seu carácter. «Mas é que na «Voz de Melgaço» nunca se fez censura!»

E não. Mas que alto preço — acrescentaria eu — não teve o Director do Jornal que pagar algumas vezes por essa liberdade!

Foi, porém, por esse incentivo que recebi, e que seria depois corroborado — e de que maneira! — pelo Senhor Cônego António Luíz Vaz que, agora e logo, jamais deixei de lavar neste terreno literário «sáfaro e ingrato» como

lhe chamou Aquilino, mas com renovado gosto de comunicação, o sentido responsável de dar-mo-nos inteiros na nossa verdade, a nossa perspectiva do mundo e da vida.

De outra forma o disse há dias na homenagem ao Cônego António Luíz Vaz e Padre Júlio.

Aqui o repito hoje, quando se trata de festejar os cinquenta anos — as Bodas de Ouro — de «A Voz de Melgaço».

Com mais algumas reflexões.

Há quarenta anos era «A Voz de Melgaço», como eu, a bem dizer, uma criança. Hoje situamo-nos em campos opostos: eu no outono da vida, descendo, a passos largos, a outra vertente da encosta; ela, fortalecida e remeçada, pronta para o bom combate pelas causas justas e nobres, infatigável na abertura dos caminhos e comunicação das ideias, transmissão das notícias que lembram os parentes e os ami-

gos — ainda, e sempre, a melhor carta de Família...

Por isso, «A Voz de Melgaço», com o estatuto próprio das Instituições que a si próprias se fizeram, cimentada em cinquenta anos de muita dedicação, sacrifícios e renúncias, de Director, Administradores e Colaboradores, há-de continuar, vencendo ventos e marés, mercê de timoneiros seguros e esclarecidos. É que os homens passam; as Instituições permanecem.

Tal como há quarenta anos, aqui venho marcar a minha presença, essencialmente para congratular-me, festejar o acontecimento e agradecer ao seu ilustre Director, Padre Júlio Vaz, a oportunidade e a honra de poder fazê-lo.

Que este Aniversário se repita por muitos e dilatados anos, para bem da nossa terra e justificada memória das gerações.

Alberto Pereira de Castro

Postal da Serra

Recebido o teu postal
Que agradeço imensamente:
Para ti muita saúde
E p'ra toda a tua quente;
Nós por cá estamos bem!
E assim seja eternamente!

Três perguntas inter'santes
No teu postal me fazias:
Vou ser rápido e concreto
P'ra não haver arrelias
E p'ra que os nossos leitores
Não sofram co'estas manias.

O que não saibas, talvez,
É que na "Voz de Melgaço"
Eu sou um dos mais antigos;
Sempre houve um pequeno espaço
P'ra mim, o que hoje agradeço
a Todos co'um forte abraço.

'Star mais ou menos presente
Nem só depende de mim;
A vida, às vezes, nos faz
Andar ao som de Clarim,
Sem núvens nem tempestades
Nem qualquer outro tin-tin!

Feita a primeira pergunta
Vou responder-te em seguida:
Nunca foi minha intenção
Estar numa tal "Corrida";
Quero antes noutra caminho
Procurar a minha vida.

Aquilo que nunca soube
Nunca gostei de fazer,
Nem julgar o que não sei,
Porque p'ra pouco saber
Chego eu e poucos mais!
Que triste é assim viver!...

Esta resposta termina
Dizendo sinceramente:
Gosto bem de ver os "bons"
Mas os "maus" são claramente,
Veneno na Sociedade...!
E usurpando toda a gente!

Quanto à terceira pergunta
É cedo p'ra responder!
Se o bom fruto não agrada
Venha o mau p'ra se comer!!
"Cada um dá do que tem
E mais não se poder qu'rer"!!

José Serrano

CARTÕES DE CRÉDITO 100% PERSONALIZADOS 100% SEGUROS



Os Cartões de Crédito CGD **CAIXA GOLD** ou **CAIXA CLASSIC** proporcionam-lhe toda a liberdade com muito mais segurança. Porque têm fotografia e assinatura impressas a laser são totalmente personalizadas e invioláveis. Além disso, os

cartões de crédito da Caixa Geral de Depósitos dão-lhe acesso a muitas outras vantagens, no país e no estrangeiro: um variado conjunto de seguros Fidelidade, activo mesmo que o título de viagem não tenha sido adquirido com o seu cartão, o serviço de Assistência Global em viagem e, brevemente, também o acesso ao novo serviço VISAPhone, para fazer chamadas telefónicas internacionais a debitar na sua conta de crédito. Para conhecer melhor estas e outras vantagens dirija-se a qualquer agência da Caixa Geral de Depósitos. Cartões de Crédito CGD: inovações que contam.



CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Conte Connosco

Uma Justa homenagem... e uma falta injustificada

I - A HOMENAGEM

Numa feliz iniciativa da Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga, Associação Portuguesa de Imprensa Regional e Instituto Português de Imprensa Regional, realizou-se na cidade de Braga, no passado dia 18 do corrente, uma tão merecida quanto justa homenagem aos Rev.ºs Cónego António Luís Vaz e Padre Júlio Vaz.

Estes organismos quiseram assim, em boa hora, e simultaneamente, prestar homenagem a aqueles que foram, e irão ser por muitos mais anos, se Deus quiser, insígnies e carismas figuras que por profissões, quer como escritores e principalmente como sacerdotes e homens.

A sua passagem pelos Seminários de Braga, como competentes e prestigiados professores, deixou marcas indelevelis em todos os seus alunos, (tive o privilégio de ser um deles) tal a forma e metodologia de ensino que naquela altura já aplicavam nas suas aulas, isto, claro está, a par da sua elevadíssima e invulgar qualidade como pedagogos e homens de superior craveira intelectual.

Como escritores, em das centenas de artigos publicados em jornais como o "Diário do Minho", de que foram seus directores — quem não lembra os seus artigos ao "Fechar da Página" — "Arauto", "Cívado" e "Voz de Melgaço", só para referir estes, escreveram dezenas de livros, dois dos quais — da autoria do Padre Júlio — "Actualização" e "Última Lição", tiveram enorme repercussão dentro da própria hierarquia da Igreja, pelo arrojado das ideias neles contidas, causando-lhe até dissabores de várias ordens, mas cujo conteúdo hoje se verifica ter plena actualização.

Como sacerdotes e homens foram, e são, ainda, cidadãos ímpulsos e exemplares que souberam impôr-se à consideração geral da cidade onde residem, Braga, de todo o país e, porque não diz-lo até de alguns pontos do estrangeiro.

Daí que fosse grande número de pessoas, das mais variadas categorias sociais, que se associaram a esta homenagem, vindas de todos os pontos do Minho e de outras zonas do país. Com a presença do Sr. Arcebispo Primaz de Braga, teve lugar no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, pelas 10.30 horas, uma Missa de acção de graças, primorosamente abrilhantada pelo coro da Senhora-a-Branca, em cuja celebração participaram dezenas de sacerdotes e à qual assistiu grande número de amigos.

O ponto alto da homenagem teve lugar no salão de actos do mesmo seminário. Nos lugares de honra encontravam-se o Sr. Arcebispo Primaz, Senhor Governador Civil de Braga, representante do Presidente da Câmara de Braga, os três presidentes das entidades promotoras da festa e os homenageados.

Estava também presente o Sr. Vigário Geral da Diocese de Viana do Castelo, não tendo comparecido o Sr. Bispo, por causa de afazeres, tendo, no entanto, enviado telegrama associando-se à homenagem, como, aliás, o fizeram o D. Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real e muitas outras entidades que, por esta forma, disseram presente.

Pelo canto, pela declamação e pela oratória muitos foram os que enalteciam as qualidades dos Padres Vaz, destacando as múltiplas facetas das suas vidas no campo cultural, intelectual, moral e humano, algumas delas por nós ignoradas e que constituíram agradável surpresa, levando-nos assim a admirar ainda mais estes homens por quem temos especial respeito, gratidão e amizade.

No seu discurso de agradecimento o Sr.

Padre Júlio, a dado passo, proferiu estas palavras: — "realizamo-nos como sacerdotes e como homens, na cidade de Braga. No entanto os nossos corações continuam a pulsar naquela longínqua aldeia onde nascemos, no concheiro de Melgaço".

Que Melgacense lhes pode ficar insensível? Depois de ouvir e meditar nessas palavras, perpassou pela minha mente um misto de satisfação e esvovta. Satisfação por notar nas palavras do orador, ao referir-se a Melgaço, o seu acrisolado carinho e amor que devota ao torrão natal.

Revolta pela ingratitude patenteada por pessoas, e foram muitas, e entidades, que tendo a obrigação de estar presentes, ou justificar as suas ausências, primaram para e simplesmente pelo "mutismo".

II - A FALTA

Como é óbvio, referimo-nos à ausência da Câmara Municipal de Melgaço ou de alguém em sua representação.

A Câmara de Braga, com a qual, ao que supomos, os homenageados apenas têm de comum o facto de residirem na cidade há muitos anos e terem sido directores dum jornal que ali se publica, do qual já não fazem parte, enviou um seu representante.

O Sr. Governador Civil de Braga, compareceu pessoalmente.

Doutra Câmara do Distrito, embora a título meramente pessoal, ao que nos parece, também lá esteve o seu Presidente.

Dos Prelados das dioceses de Braga e Viana do Castelo, esteve presente o primeiro e enviou saudações o segundo.

E a Câmara de Melgaço que, por variadíssimas razões tinha obrigação de lá estar, não compareceu, nem sequer, como seria de bom tom, se dignou enviar uma mensagem de felicitações. Lamentável...

Embora não conheçamos a sua génese, sabemos que neste momento, entre a Câmara e os homenageados existe um certo agastamento, que os levou até ao divórcio.

Mas se esse agastamento, ao que supomos, é fruto apenas das críticas que aqueles fazem à Câmara no jornal "A Voz de Melgaço", não vemos razão para tal atitude. Lemos todas as críticas por eles feitas, algumas como o seu quê de mordaz, é certo. Mas quem se encontra à frente de qualquer cargo público, e por maioria de razão à frente dos destinos dum concelho, tem de saber conviver e aceitar "na desportiva como é vulgar dizer-se" as críticas que correcta e educadamente lhe são feitas por qualquer dos seus munícipes.

E então, se elas são construtivas, deve não só aceitá-las mas tomá-las para si como exemplo a seguir.

Convenhamos que algumas nos parecem um pouco desproporcionadas e até exageradas, outras, contudo, têm alguma razão de ser.

O que é facto por demais evidente é que nenhuma câmara do país e por maior ordem de grandeza a de Melgaço, se pode permitir ao luxo de marginalizar homens da craveira intelectual dos Padres Vaz.

Todavia, quer queiramos quer não, custa o que custar, doa a quem doer, a verdade é que os Padres Vaz, foram e são ainda hoje das figuras mais prestigiantes e marcantes de Melgaço no campo da cultura e da filatropia.

Quem como eles, no nosso concelho, atingiu patamar igual no campo literário?

Quem como eles, no nosso concelho, teve comportamento igual ou se lhes comparou como filantropos?

Para avivar a memória dos mais "esqueci-

dos" e para que os mais novos fiquem a saber, lembramos que o Sr. Cónego António editou, pelo menos, estas obras: — "Rito Bracarense", "Tensão e Contestação na Igreja", "A Magna Carta do Século", "A marquesa de Alorna", escreveu monografias como "o Santuário de Nossa Senhora da Penada", "D. António Barroso", e o Padre Júlio deu a estampa "O Caminho do Apostolado", "A luz das Enciclicas", "Actualização", "Última Lição", "A margem da Humanac Vitae" e "Nas Terras da Inês Negra" e outras que não me recordo, do que peço desculpa aos referenciados.

E o que eles fizeram por muita gente de Melgaço naqueles longínquos anos em que nesta terra escasseavam os bens materiais, mas abravam os valores morais? Quantos foram os que se dirigiram a Rouças, a casa do seu irmão P.º Carlos, pedindo-lhes arranjar um emprego para os filhos, um passaporte que lhes desse acesso à entrada em França para ir trabalhar, ou fosse a Espanha tirar da cadeia um familiar preso?

Claro que o P.º Carlos, na maior parte dos casos, encaminhava os pedidos para os irmãos, mais ligados e com melhor acesso às Repartições e aos Ministérios.

E curta a memória de certas pessoas! Cada vez tem mais actualidade a máxima que diz: — "A hora do favor é o primeiro passo para a ingratitude".

Que nos recorde, foram, ainda, os Padres Vaz os primeiros a dar corpo e a contribuir eficazmente para as sessões culturais que, em boa hora, a Câmara leva a efeito no programa das Festas da Cultura.

Haveria muito mais a dizer mas, por agora, ficamo-nos por aqui já que o que atrás descrevemos nos parece ser mais que suficiente para lembrar à Excm. Câmara Municipal de Melgaço que os Srs. Padres Vaz são credores de um comportamento diferente daquele que tomou perante esta homenagem.

Não nos move qualquer ressentimento contra quem quer que seja e muito menos contra os elementos da Câmara Municipal de quem, aliás, só temos recebido provas de amizade e consideração. Mas, não os negamos, achamos não ter sido correcto e justo o seu comportamento nesta homenagem.

Porque as pessoas que estão à frente dos destinos de Melgaço são inteligentes, compreensivas e humanas, esperamos se redimam desta falta, promovendo, tão rápido quanto possível, a homenagem que a edilidade e o concelho devem a estes homens.

E é agora a altura própria, pois que as homenagens "post-mortem" cheiram sempre a hipocrisia.

Desejamos que o bom senso impere e façamos votos para que o "diferendo" existente entre a Câmara e o Padre Vaz seja apagado e esquecido, voltando a harmonia tão desejada, pois, com isso, todos temos a lucrar.

Oscar Marinho
(Nino)

A BESTA E A PENA

No jornal PÚBLICO, de 23/04/96, o jornalista Luis Pedro Nunes, noticia a visita do presidente Jorge Sampaio a uma escola multirracal e multicultural na Amadora. Diz a reportagem. Baptizaram-na de «Escola colorida» porque 121 pertencem a diferentes grupos étnicos e nacionais (47 cabo-verdianas, 43 portuguesas, 16 ciganas, 6 angolanas, 5 moçambicanas, 1 saótomense, 1 indiana e 2 ex-emigrantes.

Agora sim... já não bastavam os maus serviços dos consulados portugueses, não bastavam os preconceitos xenofobos dos países em que vivemos, não basta o abandono a que somos relegados pelo governo português, para quem somos não pessoas, não portugueses, mas apenas uns parvos que teimam em amar a Pátria em que nasceram (esquecendo-se todos que morrerão um dia e Portugal continuará). Já não nos bastava esta saudade que corroi, que deprime mas que também dá forças para sonhar.

Como se não bastasse tudo isso, vem esse «senhor jornalista» e descobre que nessa escola que dignamente representa o universalismo português, estudam 43 portugueses,

vários de outras nacionalidades e dois ex-emigrantes. Se nós emigrantes não somos portugueses, que raio somos?

Não saberá por acaso o «senhor jornalista» que uma das características históricas do povo português é emigrar?

Não saberá por acaso o «senhor jornalista», que ao contrário de outras nacionalidades, o nosso emigrante, para onde vai leva a Pátria junto? Não saberá por acaso o «senhor jornalista», que ao escrever esta burrice do tamanho de uma siderúrgica, perdeu uma ótima oportunidade de ficar quieto?

Não saberá por acaso o «senhor jornalista» que se derem a uma besta um espaço num jornal, uma pena para escrever e talvez até um diploma, ela continuará a ser uma besta?

Os leitores da VOZ DE MELGAÇO que me desculpem a amargura e a agressividade, mas não podemos tolerar que coloquem em dúvida a nossa nacionalidade, coisa que nem o burro do Ronha faria com tanta estupidice.

Fernando Augusto Alves
Rio de Janeiro

ANIVERSÁRIO MUITO ESPECIAL

Em 16 de Junho, o amigo Carlos Pires Filipe, filho do nosso prezado assinante António José Pires, residente em Paris 17, faz 25 anos e, nesse mesmo dia, cumpre dois anos o Samuel, filho do Carlos e neto do António J. Pires.

Parabéns aos aniversariantes e à família em que se inserem.

VMPS HEALTH CLUB

Termas do Peso - Melgaço

Época termal - Início: 1 de Junho - Fecho: 10 de Outubro

- | | |
|------------------------------------|----------------------|
| Piscina aquecida c/ orientação | Sauna ou banho turco |
| Ginásio c/ aparelhos c/ orientação | Piscina + Sauna |
| Duche circular | Duche escocês |
| Hidromassagem | Massagem manual |
| Massagem sub-aquática | Ténis |
| Mini-golfe | Barcos |

Ginástica de manutenção • Ginástica de musculação • Natação

Estética • Emagrecimento
Fisioterapia • Tratamentos capilares
Cabeleireiro • Pedicure • Manicure

Tratamentos termais

Utilize o nosso circuito de manutenção

abertas as inscrições.

contactar pessoalmente ou pelos telef. 42327 / 42647

Horário de funcionamento:

Segundas — Encerrado
Terças a Sábados — 10H00 às 13H00 • 16H00 às 21H00
Domingos — 9H30 às 13H30

viva com saúde
Health Club — aberto todo o ano

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/06/96

A cargo da Notária, Lic. Manuela Sofia Gorgel Couto Pinto de Moura Lopes:

CERTIFICO que no dia vinte de Maio de mil novecentos e noventa e seis, de fls. 51 v, a fls. 54, do Livro de Notas para Escrituras Diversas nº 2-D, deste cartório, ALBERTO AUGUSTO GONÇALVES e esposa ROSA DOMINGUES PINTO, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Prado, e ela da freguesia de Cristóvão, ambas deste concelho, e na primeira habitualmente residentes no lugar da Serra, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

PREDIO URBANO composto por CASA DE MORADA, de Rés-do-Chão e Primeiro Andar, com a área de mil seiscientos e noventa e nove metros quadrados, sendo a superfície coberta de setenta e oito metros quadrados, um anexo com área de setenta e um metros quadrados, e logradouro com a área de mil quinhentos e

oienta metros quadrados, sito no lugar de Gândara, da citada freguesia de Prado, a confrontar a norte com o proprietário, a sul com Manuel José Esteves, a nascente com regato e a poente com caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 307, com o valor patrimonial de 23.771\$00, ao qual atribuem o valor de UM MILHÃO DE ESCUDOS.

Que o referido imóvel não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que possuem o referido imóvel, em nome próprio há mais de vinte anos, não tendo qualquer documento legal que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade sobre o mesmo imóvel, posse que sempre exerceram sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, sem interrupção e ostensivamente com o conhecimento de toda a gente, pagando todas as contribuições, taxas, impostos e usufruindo-os, sendo portanto, tal posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante mais de vinte anos, pelo que adquiriram o identificado imóvel por USUCAPIÃO, título este que dada a sua natureza não é susceptível de ser comprovado por qualquer título formal, pelo que o fazem pela presente escritura.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO, 20 de Maio de 1996.

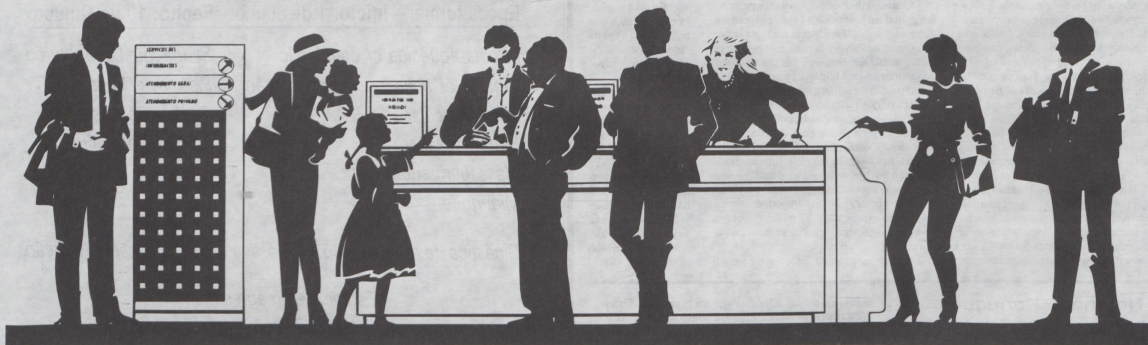
O Ajudante.
Jorge Manuel Martins Rebelo.

Marcamos a Nossa Presença

MELGAÇO

R. Dr. António Durães – 4960 Melgaço
Telef.: (051) 4 47 53 · Fax: (051) 4 47 55

Uma presença a contribuir para o desenvolvimento regional.
O prestígio, modernidade e segurança de um Banco centenário ao seu serviço.



BANCO ESPIRITO SANTO

O SEU BANCO DE SEMPRE

Valorizemos a História e o Património Melgacenses

Entre os objectivos perseguidos pelo jornal «A Voz de Melgaço», ao longo dos cinquenta anos que agora jubilosamente comemora, conta-se a atenção prestada à história e ao património artístico, existente dentro dos limites do concelho. Se outros motivos não houvesse, bastaria este para legitimar esta comemoração e tornar apetecível a posse de uma colecção completa desta publicação periódica regional, repositório, maioritariamente em exclusivo, de tantos artigos ao tema dedicados pelo saudoso P. Manuel António Bernardo Pintor, pelo conhecido e, às vezes, polémico Mário, por A. Luís Vaz e tantos outros, entre os quais também, modestamente, deixámos alguma colaboração.

Por quanto a aniversariante jubilar, «A Voz de Melgaço», fez neste domínio, honra ao mérito!

Mas a acção realizada no passado, longe de nos tranquilizar, responsabiliza-nos a todos, quanto à obrigação de não deixarmos narcotizar a nossa sensibilidade histórica e desvalorizar o património histórico, artístico, cultural e natural desta região encantadora do Alto Minho mais genuíno. Embora por razões práticas, metodológicas, muitas vezes, a história, a cultura e o património sejam, com frequência, estudados ou simplesmente apreciados isoladamente, não podemos deixar de assinalar que a sua leitura tem de ser feita numa perspectiva de história total, porque só assim poderemos captar a verdadeira dimensão do respectivo significado e mensagem histórico-cultural.

Neste breve artigo, não é possível determo-nos em cada um dos tópicos acima enunciados, mas não podemos nem queremos deixar de acentuar a necessidade da valorização da história local e até mesmo regional, tomando este termo num sentido lato, tradicional, sem qualquer conotação com a regionalização política de que tanto se fala, desconhecendo-se, ainda, qual vai ser o seu conteúdo e figurino geográfico.

Já escrevemos, diversas vezes, que o estudo sério da história local representa uma necessidade primária na defesa da nossa identidade, já que os programas oficiais, por influência das exigências europeias, diluem a nossa história pátria na história universal ou, se preferirmos, mais propriamente, europeia, provocando *estrategicamente* o desconhecimento e a inconsciência daquilo que durante séculos constituiu o alimento mais genuíno da alma nacional.

Não é possível justificar o nosso pensamento sobre esta matéria por falta de espaço e de tempo, mas não deveremos abdicar de exigirmos, na prática, dos órgãos centrais de decisão da Comunidade Europeia o respeito pela nossa história, pela nossa cultura e pela nossa língua. E não estamos a imaginar cenários meramente académicos. Temos presentes situações reais, que não cabe desenvolver aqui. Um estudo correcto da

história local, que a todos diz muito, no plano afectivo, pode servir de ponto de partida para colmatar muitas deficiências dos actuais programas escolares.

Esta necessidade do estudo consciente da nossa história local torna-se mais premente se quisermos compreender o significado histórico da riqueza do património melgacense, genericamente documentado, desde a Pré-história, no conjunto dolménico do planalto de Castro Laboreiro, aos nossos dias, cobrindo áreas tão importantes como a militar, monástica e religiosa com as suas diversas modalidades e cambiantes, artísticas, arquitectura civil, heráldica, recursos naturais, etc., que permitem uma rápida organização tipológica, sempre útil, quer se trate de um simples inventário, quer se proceda a um estudo sistemático. A

arquitectura civil - em que a antiga *domus municipalis* ocupa um lugar de relevo, até pelo simbolismo histórico que lhe é inerente -, arquitectura civil, dizíamos, cujo rol, a par de muitas casa cheias de interesse e das pontes, tem de incluir os diversos solares, um ou outro em adiantado estado de ruína, que faz pena não haver quem los possa valer. Em jeito de alínea - se os entendidos o consentem, entrará aqui o estudo da arquitectura popular, também dita rural, que entre nós vai muito além da casa castreja. E que dizer da engenharia popular, patente nos moinhos de água, nos engenhos de serra, nos fulões e nas pesqueiras do Minho? Para terminar este breve elenco, acrescento-se que ninguém poderá olvidar esse dom da natureza, que são as águas medicinais do Peso.



O Dr. José Marques saudando os homenageados.

concentração de tão variada riqueza num espaço relativamente pequeno, além de se apresentar como um verdadeiro privilégio, facilita a compreensão desta realidade plural, na sua globalidade.

Na classificação deste rico património deveremos entrar, essencialmente, em linha de conta com a sua natureza específica, e, assim encontramos património militar nos castelos de Melgaço e de Castro Laboreiro; património religioso, além da variante monástico-conventual dos mosteiros de Fiães e de Pademe e do convento das Carvalhiças, patente nas diversas igrejas e capelas, impondo-se salientar, para o românico, a matriz de Melgaço, bem como as de Chaviães, Misericórdia (antiga Santa Maria do Campo), Lamas do Mouro e S. Paio, onde a par dos vestígios da sua fábrica primitiva, se podem observar as transformações realizadas, sem esquecermos a jóia românico-gótica que é a capela da Senhora da Orada. Mais tarde, mas também com interesse, anota-se a modesta capela de S. Julião.

O património artístico religioso melgacense não se confina ao período românico e nem sequer à Idade Média. Nos séculos seguintes, tanto na arquitectura, em que temos de incluir numerosas capelas (algumas particulares), como na talha, na escultura, nas artes menores, com relevo para a ourivesaria, e bem assim nos cruzeiros, alminhas, cruzes, pinturas, etc., etc., encontramos manifestações de arte e fortes motivos de natureza cultural, que não é possível enumerar neste momento.

No âmbito do património construído, urge chamar a atenção para

quisemos, até aqui, sem preocupações de exaustividade, chamar a atenção para a riqueza do nosso património, que é necessário inventariar, preservar, defender e valorizar, mediante o seu estudo e divulgação.

Há contudo outro tipo de património, que embora esteja juridicamente protegido pelo Direito Canónico, carece de cuidados especiais, pois, sendo património eclesástico interessa a toda a comunidade cristã. Referimo-nos aos arquivos paroquiais, que urge preservar.

É certo que no sector dos arquivos, a nossa história melgacense sofreu perdas irreparáveis, bastando citar o desaparecimento da documentação da Câmara, que, pelo menos, desde de D. Afonso IV publicou os *Regimentos dos corregedores* (1332 e 1339), era obrigada a registar os autos das suas vereações em livros. Neles palpitava, sem qualquer dúvida, a vida do município e dos municípios, como se pode ver pelas actas existentes noutros concelhos. E a correspondência oficial dirigida aos alcaides do castelo?

Sabemos que já houve algumas tentativas de inventariação parcial do nosso património, pelo menos no âmbito da heráldica e das alminhas. Convinha que esse material fosse impresso e divulgado, até porque poderia permitir, por exemplo, o restauro fiel de certos painéis de alminhas, entretanto degradados, ou mesmo identificar algum nicho desviado do lugar de origem.

Mas para além disso, é necessário dar um salto qualitativo no estudo e

Cont. na pág. 22

MELGAÇO, HISTÓRIA E TRADIÇÃO

Melgaço — o seu nome é tão antigo, que difícil se torna ter certas da sua origem.

Dizem alguns que de «Melgaços», chefe celta, lhe vem o nome...

Melgaço significa: louro, ruivo, da cor do mel, sendo esta a característica da raça celta, outros, de raça diferente, lhe devem ter dado o nome, quando celtas esta terra ocupavam. Terra dos melgaços.

Há quem relacione o nome do rio Minho ao rei cretense «Minos» (IX-VIII a.c.). Perseguidos pelos Dórios, os cretenses, que eram bons navegadores, rumaram a ocidente até terras da Galiza. Conhecedores das escórias mineiras, pela experiência das minas de Creta, logo perceberam da raridade e valor desse pó e lama (vermelhão — cor do óxido de chumbo) que corria nas águas do rio.

Em homenagem ao seu Rei deram a esse pó o seu nome: ou ao rio que o trazia, trazidas para o rio Minho as águas do rio Sil, estas impregnadas dos óxidos das suas minas de ouro e prata, arrastavam uma lama de cor vermelha, que se aproveitava e era na antiguidade de altíssimo valor, era o óxido natural de chumbo (cinabre) chamado mino ou mfinio; ou porque aparecia no rio Minho, ou dele se dando nome ao rio.

Na maior parte das pinturas rupestres, o mino já é utilizado, bem como mais tarde na cerâmica e em tela. Com a introdução do ferro na península, pelos Celtas, o mino é fundamental, já que este pó, misturado com óleo, (zarcão) permite proteger o ferro da destruição pela ferrugem, no rio Sil maior afluente do rio Minho, se localizavam as grandes jazidas de ouro e prata que os romanos exploravam. Assim se explica a grande quantidade de estradas e pontes que, por toda a região do alto Minho e Galiza, os romanos edificaram. Ao longo da margem esquerda do rio Minho, desde o mar, corria uma velha estrada romana, por ela ou pelo rio, outras gentes subiam à apetecida melgaço, atraídos pelo pão, o gado e o metal dos montes da Aguilera.

Com a reconquista, por estas paragens, trazidos pela aventura e cobiza, se vão fixando cavaleiros; filhos segundos de casas fidalgas, de outros reinos e principados.

Local seguro, para curar cutiladas recebidas e abrigar família, verdadeiros capitães da fortuna, formam propriedade; mas pouco zelam por ela. Cria-se assim uma fidalguia transmontana, amante da caça e da guerra, fazem da espada o prestígio e da pilhagem fortuna.

Há quem afirme, onde foi construída a fortaleza de melgaço, antes se localizava o «Castelo do Minho», construído pelos mouros, e quando da sua invasão do norte da península no século VIII. Há ainda quem pense que lá se localizaria importante castro celta.

Não existem documentos que o confirmem, mas fortes possibilidades de que tal seja verdade. A ordem do Hospital, mais tarde transformada na Ordem de Malta, tinha Casa em terras de Valadares, nos primórdios da nossa fundação.

A ordem de São Bento em Fiães e a Ordem do templo em Castro Laboreiro, também tinham casa e

cumpriam missão.

Antigas Terras de Valadares, Melgaço e Moção são parte do desmembramento desta circunscrição.

Sendo a fortificação de melgaço, ordenada por D. Afonso Henriques, para defesa do reino das incursões vindas do rio Doma (mais tarde Várzea e hoje Trancoso), quase se garante que antes já se ergueriam muros de protecção às pilhagens vindas do mar.

Só no reinado de D. Afonso III se mandou amuralhar toda a cidadela. Em documento de 1071, Dona Urraca, Irmã de D. Afonso VI, Rei de Lião, faz doação à Sé de Tui, de metade do Mosteiro de Pademe.

Nesta doação se incluem as pesqueira — ainda hoje utilizadas — do rio Minho, limitadas ao espaço doado.

Por foral de D. Afonso Henriques, em 1181 (1183), cria-se a nova Vila de Melgaço; na continuação de outra vila mais antiga, esta Romana, talvez já, antes, importante castro celta.

Perde-se na memória dos tempos, a memória histórica da Vila de Melgaço. Paços — foi sede de muito antiga e importante vila romana, que englobaria todo o melgaço medieval.

Haveria em Paços uma passagem no rio minho, por onde passavam os peregrinos que rumavam ao santuário de Sant'Iago de Compostela.

Esta passagem se chamaria, tudo o indica e leva a crer, confora a análise cuidada do padre M.A. Bernardo Pintor, o porto de bergote.

O castelo de Castro Laboreiro, foi tomado por D. Afonso Henriques em Abril de 1141, apenas com 40 homens e 20 cavaleiros.

Dona Elvira de Sarrasim, abadesa do mosteiro de São Salvador de Pademe, terá apoiado o rei, enviando-lhe um cavalo de montada e cinco carregados de mantimentos... e quem sabe, talvez alguma informação que lhe facilitasse a entrada.

Colheu, com esta atitude, grandes regalias e terras, para o seu Mosteiro.

A mais setentrional terra portuguesa, melgaço é concelho de muita fama, pelo seu pão, seu cabrito e seu presunto; os melhores que se conhecem, os salmões e lampreias, que se apanham nas suas pesqueiras (algumas existindo há mais de mil anos) do rio Minho, e as trutas dos seus rios, afluentes deste; dão à gastronomia melgacense o requinte dum festa do paladar.

As águas gasificadas naturais, das termas de Melgaço, localizadas no lugar do Pêso, sendo das mais digestivas e assimiláveis das águas cálcicas portuguesas (consideradas bicarbonatadas mistas), estão altamente recomendadas no tratamento de diabetes e da hipercolesterolemia. São aconselhadas ainda no tratamento da obesidade, arteriosclerose, enfarte, etc...

Terra milenar, Melgaço no dealbar do século XXI, pode e deve, pelo querer das suas gentes, dar o salto qualitativo, que faça dela um lugar moderno e de progresso; aproveitando todas as suas potencialidades que sendo muitas e de qualidade — têm sido ignoradas, há séculos, pelo poder central.

Franca evolução se sente já mas, deseja-se também, que saiba na marcha da sua modernidade, preservar todas as características que fazem hoje de Melgaço um soberbo espaço de bem estar, único por certo, neste poluído e, cada vez mais, incarcástico país.

Cont. na pág. 23

Valorizemos a História e o Património Melgacenses

Cont. da pág. 21

valorização do nosso património, implicando num vasto projecto cultural todas as pessoas interessadas e com preparação para estudos sectoriais, que permitam uma leitura interpretativa dos monumentos e dos outros espécimes patrimoniais no contexto histórico, cultural e até da história das mentalidades, em que foram erigidos. Talvez estas considerações pareçam demasiado abstractas e até ambiciosas. Pensamos que não, e um ou dois exemplos poderão ajudar a compreender o que acabamos de afirmar. Assim, de acordo com a documentação, podemos esclarecer que a construção da capela da Senhora de Guadalupe, na freguesia de Paderne, se por um lado revela a presença desta devoção mariana, que irradiava do santuário que lhe era dedicado na Estremadura espanhola, por outro confirma a impossibilidade de lá se deslocarem os peregrinos, devido às dificuldades decorrentes da guerra da Restauração. Por sua vez, a igreja paroquial de Rouças (e não Roussas, como por aí se escreve), na sua simplicidade, equilíbrio de proporções, que lhe imprimem uma elegância pouco comum em meios rurais, não se pode desligar dum certo classicismo ainda vigente, do espírito austero da reforma tridentina e do facto de o responsável pela sua construção ser o abade Brás de Andrade da Gama, que nos cursos de Direito Civil e Canónico em que se laureou - «in utroque iure lareatus», na Universidade de Coimbra, assimilou estas correntes artística e de pensamento. Não sonhamos, por isso, com o impossível.

E como concretizar tal objectivo?

Não será para o realizar de um dia para o outro. Há muito a fazer, a começar pela motivação do interesse da gente culta da nossa terra, que, feliz-

mente, já é muita, tanto residente em Melgaço, como espalhada pelo País e até no estrangeiro, pois todos não somos demais. Naturalmente, a Escola Secundária terá um lugar privilegiado não só na socialização das sucessivas gerações de alunos, que por lá continuarão a passar, mas também na promoção da investigação na área do património, nos seus múltiplos aspectos.

Este desiderato e futuro projecto encontrará, por certo, na Casa da Cultura, detentora de excelentes instalações, o apoio necessário, já que vai ao encontro do que é também uma das razões da sua existência.

A aglutinação de todos os interesses e dos seus dedicados contributos, em nosso entender, deveria ser dinamizada por uma Associação de Defesa e Estudo do Património Melgacense (ou outro nome que a Assembleia Geral viesse a aprovar), devendo os estatutos prever a realização de colóquios periódicos, visitas guiadas, edições de estudos de real valor, indispensáveis ao seu conhecimento e respectiva difusão, etc., etc. Não se trata de apresentar um conjunto de receitas mágicas, mas de deixar alguns tópicos e exemplos, susceptíveis de estimular uma reflexão alargada em prol de um futuro mais cultural para a nossa terra.

História e Património, assim de mãos dadas, tal como andaram ao longo dos séculos e continuam, poderão contribuir para que a população de todo o concelho de Melgaço e aqueles que nos visitarem com mais frequência, encontrem aqui uma qualidade de vida com padrões superiores aos critérios meramente economicistas, que não têm conseguido fixar os naturais ao seu meio.

J. Marques.

Singelo lembrete

Não fôra o meu estado de saúde, e, sem a pretensão de poder dedicar digna homenagem a evento de tão profundo significado, escreveria nesta data umas palavras à "Voz de Melgaço" como presença nesta data gloriosa melgacense.

Vou substituí-las por outra homenagem ainda mais condigna, infinitamente rica porque subirá junto a Deus e onde a receberá mais directamente o saudoso. P.º Carlos e, de lá, sorrirá feliz aos sucessores deste jornal e aos seus ilustres correspondentes, bem denominada "Carta da Família".

Nesta data, 1 de Junho de 1996, na Igreja de São Gonçalo de Amarante é anotado no livro de registo desta paróquia, a celebração de uma Santa Missa em Acção de Graças pela "Voz de Melgaço" e por alma do ilustre P.º Carlos Vaz.

Nessa Missa a invocação da "Voz de Melgaço" e do P.º Carlos ressoarão no espaço da grand igreja



Palmira de Jesus Domingues

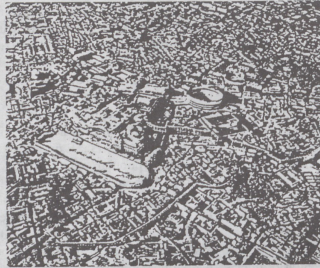
Matriz de São Gonçalo de Amarante, e, curioso, templo oferecido e construído há 300 anos, pelo português Gonçalo Gonçalves, natural de Amarante - Portugal e a que este município brasileiro lhe deu o seu nome.

Durante o tempo que tive a data de me corresponder do Brasil com o Rev. P.º Carlos mais tive a graça de aquilatar um pouco da grandeza de sua alma generosa, doada ao Senhor no apostolado que ainda pode realizar na terra, mais silencioso do que pudemos perceber, 50 anos de existência! Só a coragem desse grupo corajoso pôde alcançar o porto da actual V. de Melgaço, orvalhando as raízes dos seus antepassados.

Parabéns! família Vaz, parabéns, povo melgacense, que orgulha a saudosa conterrânea

Palmira Domingues
Da O.F.S.
S. Gonçalo de Amarante E.R.J.

(ORIGEM E FUNDAÇÃO DE ROMA) Entre a realidade histórica e o lendário



Pormento da reconstituição de Roma Imperial

Para o estudo da origem e fundação de Roma temos de recorrer, forçosamente, aos dados que, durante este século, a arqueologia nos tem fornecido. E à luz desta ciência, pensamos que a melhor maneira de ir ao encontro da formação daquela que viria a ser a cidade dos imperadores é tentarmos saber que povo ou povos estão na sua origem.

No Lácio, encontramos vestígios de uma civilização de tipo villanovense. Esta civilização estava solidamente estabelecida cer-

Por outro lado, não podemos esquecer que desde o século VIII a. de C. uma civilização mais desenvolvida chegou a Roma — trata-se da civilização etrusca.

Os Etruscos eram, de facto, mais fortes graças aos proventos retirados do comércio, artesanato e das vitórias guerreiras que pareciam fazer deste povo os grandes unificadores da Itália. Mas a ostentação e as derrotas militares frente aos Gregos em Cumas e na Campânia em 524 a. de C. tornou essa sorte adversa.

No entanto, ao retirarem de Roma, os Etruscos deixam lá a marca da sua civilização e a partir do século VI a. de C., Roma surge nas cidades fundadas pelos Etruscos.

Tudo isto levamos a uma conclusão que temos tentado de linear. Factualmente, é difícil encontrar uma data para a fundação de Roma, sabemos apenas que esta aparece como cidade à imagem das cidades etruscas a partir do século VI a. de C.

Temos, contudo, algumas certezas. Sabemos que o povo que lhe deu origem e a fez crescer ao longo dos séculos até a tornar na cidade dos imperadores e metrópole da antiguidade é de origem mista. Sabemos ainda, ao contrário do que se pensava tradicionalmente, que o desenvolvimento da cidade não foi fechado, ou seja, não aconteceu dentro das suas muralhas sem contacto com influências externas. Pelo contrário,

como quisemos provar, Roma desde muito cedo foi uma cidade exposta ao contacto com outras civilizações.

Mas Roma estava predestinada a tornar-se a grande potência e a grande metrópole da antiguidade e, à imagem de todos os povos fadados para o sucesso, como o foi o povo Português a partir do século XVI, a tradição mítico-literária encontrou um fundador para a cidade — Rómulo.

Vejamos, agora, quem era Rómulo. Segundo a tradição, Amúlio usurpou o trono de Alba Longa a seu irmão Numitor e consagrara ao sacerdócio de Vesta a filha Rea Sílvia, para que, não podendo ela ter descendência, melhor assegurasse a sua realeza. Mas Rea tem dois filhos do Deus Marte. Amúlio, de imediato, manda arremessar os pequenos ao Tibre. Como o rio levava grande caudal e transbordava das margens, a cesta em que os escravos tinham colocado as crianças, depois de flutuar, ficou em seco. Quando as águas baixaram, aparece uma loba e amamenta as crianças que choravam. Entretanto, Fáustulo, pastor dos rebanhos régios, vê as duas crianças, Rómulo e Remo, e leva-as para casa, onde sua mulher as cria. Mais tarde, Rómulo matou Amúlio e repôs Numitor no trono de Alba. Em seguida, Rómulo e Remo reuniram um grupo de pastores e instalaram-se numa colina com os seus amigos, perto do local onde tinham sido recolhidos pela loba e rodearam o campo com uma muralha de pedra. Assim narra a lenda os primórdios de Roma.

Rómulo foi o primeiro rei da cidade. Mas Remo, como inveja do irmão, proferiu injúrias e saltou por cima do muro que o irmão construía. Rómulo ficou irritado e atingiu-o mortalmente, dizendo: "Assim acontecerá a quem tentar transpor estas muralhas!"

Esta foi a lenda da fundação de Roma, mas, como certamente se conhece, há um ditado popular que diz: "Roma e Pavia não se fizeram num dia".

José Pereira de Oliveira
Prof. Escola C + S de Melgaço



Tabvla Geographica - Italia Antigua

ca do primeiro milénio a. de C. No entanto, a raça latina que deu origem a Roma não é um grupo étnico puro, mas o resultado de uma lenta síntese em que os invasores Indoeuropeus se assimilaram aos habitantes mediterrâneos para dar nascimento a um povo novo. Aliás, fenómeno semelhante sofreu a língua trazida por estes povos.

Este complexo fenómeno aparece-nos relatado de forma mítica pelos próprios historiadores romanos. Contavam, estes, que o povo latino surgiu da fusão de duas raças: os aborígenes, nudes habitantes do Lácio, e os trianos, companheiros de Enéias.

Há, porém, uma grande distância entre estes dados míticos e os dados fornecidos pela arqueologia. Mas não podemos deixar de reter esta origem do povo latino.

Admitindo que os primeiros habitantes das aldeias da colina cha-



A LOBA DO CAPITÓLIO

A loba é um bronze etrusco do séc. V a.C. As crianças datam do Renascimento, mas provavelmente teriam existido outras, primitivas. (Palácio dos Conservadores, Roma)

MELGAÇO, HISTÓRIA E TRADIÇÃO

Cont. da pág. 21

Tem homens capazes para o fazer. Arrimado à serra da Peneda e mesmo nela entrando, o concelho de Melgaço é terra monumental; muito pelo rendilhado fabuloso das suas fragas e, mais ainda, pela história milenar impressa por suas gentes.

Melgaço bem se pode considerar a monumental porta de entrada dum País que, com os melgacenses, sempre de dignidade foi feito.

Tantas vezes esquecido pelo país a que pertence, o concelho de Melgaço foi, e certamente o será sempre, o símbolo melhor da sua portugalidade.

Terra de minifúndio, Melgaço, tem na vinha, no gado bovino, caprino e lanígero, a sua principal riqueza.

Com as suas aldeias comunitárias, na velha tradição Celta, Melgaço faz das suas gentes uma grande família, onde a alma se consola e atenua as agruras do quotidiano difícil.

A Educação e o ensino são uma área estratégica de interesse para o desenvolvimento, para a formação do homem de amanhã, para a cidadania (para a competência, para a responsabilidade e para o civismo). Os jovens de Melgaço, melhor se deveriam empenhar no conhecimento e investigação da sua terra, para que a memória dos tempos não se perca e não se resume apenas à lenda de uma tal «Inês Negra» ou a um foral atribuído pelo fundador da nacionalidade.

Ao investigar as origens Celtas de Melgaço, nos monumentos, trajes, nos hábitos, na gastronomia, na pesca, na agricultura, verifica-se que nos contrafortes da Peneda, bem dentro da serra da Gaviéria, Castro Laboreiro é bem terra de ancestrais evidências, não só nas pontes e caminhos, castros, pinturas rupestres

que ainda conserva do tempo pré-celta e romano, como também suas gentes, de características únicas em Portugal e talvez no Mundo.

A explicação encontra-se no meio fechado em que sempre viveram, até que a partir de 1960, com a emigração, os homens saíram em busca de alguma emancipação financeira, que nunca tiveram, já que o clima é duro e a terra agreste.

As mulheres, de luto vestidas, viúvas da necessidade e amantes da esperança, quais figuras mitológicas, agarraram com fúria trabalho dobrado, para que o homem, lá longe, não sinta frustrado o seu braço. É dor posta no peito, é dor posta na alma, é filho, por vezes sugando no seio, é fúria posta na vida, é a roupa colorida posta na arca até o marido chegar. É exemplar arreganho e solidariedade destas gentes. É o viver comunitário por excelência, em que todos se unem numa entreajuda total, mantendo o cerne das suas raízes no mais profundo querer.

São Celtas em cada gota do seu sangue. Mas Monumento Celta era o Castro recentemente descoberto nos limítrofes de Penso e Alvaredo, local de passagem da nova estrada, cujas mós, e pedras, algumas se encontram em exposição na casa da cultura, com fotografias, única memória que nos fica do tempo, esmagado e destruído pela modernidade tão necessária, da nova e bela estrada.

Não haveria outro local para desviar o traçado da estrada?

Sabiam que monumentos Celtas são considerados únicos e raros e património da humanidade?

Ficam as interrogações até o próximo número.

Joaquim de Castro Pereira

A Voz de Melgaço de há 50 anos!

Com data de 30 de Maio, Quinta-Feira da Ascensão, dia santo e festa concelhia, saía o 1.º número deste jornal. Tinha 4 páginas. Da 1.ª, o editorial e carta de intenções do novo jornal, vale a pena destacar estas passagens:

— «Tinha de ser católico o nosso jornal, já pela fé ardente do nosso povo, já pelas tradições históricas da nossa terra, já pela acção que nos propomos desenvolver».

— «A Voz de Melgaço é de Melgaço e para as gentes de Melgaço». Tudo o que seja para bem da nossa terra é tema a versar no nosso jornal».

— «Cuidamos da terra e não da política; interessam-nos, sobremaneira as coisas de Melgaço e não tanto as nossas; não vamos guerrear, a menos construir».

— «A Voz de Melgaço pertence ao bom povo que nos lê, aos interesses locais que nos prendem e não aos que, por função legal, o têm que orientar. Professamos, neste aspecto, a mais pura democracia».

— «Aceitamos todos os alvites; todas as sugestões serão bem recebidas pelos que trabalham nesta casa, que, no entanto, serão fiéis em todos os casos, às determinações da Igreja e ao imperativo dos interesses concelhios».

— «A Voz de Melgaço... leva o nosso abraço muito sincero — abraço de amigos com votos de felicidades — para o bom povo da nossa

terra... para os nossos leitores, em especial, e para os melgacenses que, nas cinco partes do mundo, se esforçam, por melhoria de vida».

— «O noticiário de Melgaço ocupa o primeiro lugar...».

— «Queríamos que as freguesias do concelho — todas, e sem excepção — ocupassem o lugar que aqui lhes reservamos. Mandem-nos notícias; isto nos interessa acima de tudo o mais. Damos personalidade às freguesias. Podem exteriorizá-la aqui».

— «E termina este editorial, intitulado «Vai Com Deus», desta forma tão significativa:

«Numa saudação toda nossa, da boa gente da nossa terra, enviamos-te, querida 'Voz de Melgaço' a todos os lares com as palavras de felicidade: Vai Com Deus. Vai com Deus e traz-nos da nossa gente, a abençoada frase: fique com Deus».

— «Assinam o editorial, o ainda Director, Júlio Vaz, e o que foi primeiro Chefe de Redacção e Editor: Dr. Júlio Outeiro Esteves».

— «Passados estes 50 anos, podemos dizer que se mantêm os nossos propósitos e que julgamos ter-lhes sido fiéis. Na única coisa que gostaríamos que tivesse havido mais resposta — a colaboração das freguesias — a culpa não nos cabe, porque não podemos nem devemos substituir-nos às pessoas res-

ponsáveis de cada uma delas».

Que publicou o Jornal há 50 anos?

Na 1.ª página, com seguimento na 3.ª, vinha o artigo de fundo: «Vai Com Deus», uma notícia de desportos referente a vitória do Melgacense sobre o Arcoense, por 4-3, sendo a equipa de Melgacense constituída por: Orlando, Moreira e Alberto; Armando, Esteves e José Félix; Carlota, Tinoco, Almeida, Zeca e Arlindo. (Que bom seria se os jogadores de então se apresentassem hoje ao público, com fotografia actualizada e dizendo o que fazem! Oxalá pegue a sugestão).

Publica-se, ainda, uma fotografia do *cruzeiro da Orada*. Vendo-se em fundo a casa Magalhães Pinto, cruzeiro que é apresentado como «símbolo de um progresso que não poderá ser ultrapassado» —. Vem uma crónica sobre S. Gregório e a festa do Facho, mencionado o tempo chuvoso que fazia; aparece uma secção de «Pela Vila», com o grande assunto de uma peregrinação a Fátima, de 70 pessoas, o maior número até então registado. O Pároco e os jocistas fizeram a pé, pela Batalha, 55 quilómetros. Ainda na 1.ª página, uma secção «Ora diga-me», de que a 1.ª informação é de que 700.000 pessoas se reuniram em Fátima para as celebrações do dia 13.

Cont. da pág. 24

Banco Borges & Irmão



Banqueiros há mais de 100 anos

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

No dia do trabalhador, 1 de Maio é costume, nesta cidade, a Municipalidade, para preencher o feriado das famílias menos abonadas, franquear a visita ao Jardim Zoológico.

Aconteceu que no ano passado, 1995, a frequência atingiu sessenta mil visitantes, maioria crianças. A algazarra e perturbação foi de tal monta que parte dos animais teve problemas de saúde. Bichos mais sensíveis passaram o ano nos analistas e consultórios psiquiátricos.

Para evitar a repetição de tais anomalias, este ano a visita ao Zoológico foi sumariamente proibida. Além do sossego que tal medida proporcionou aos animais encarcerados, permitiu que alguns fossem libertados para passar o feriado com amigos e familiares...

Observadores atentos, sociólogos que estudam o comportamento humano e os apertos que actualmente passa a população humilde, afirmaram que a medida proibitiva deveu-se ao temor de os esfomeados avançarem nas «mercadorias expostas». Churrasco de macaco, cobra guisada, jacaré enopado, aráras, papagaios e outras aves assadas ou de cabidela, são pratos deliciosos...

O Mário Ranhada convocou-nos para trocar ideias. Pretende remodelar a decoração do seu restaurante, o famoso «Bella-Blu», e pensa incluir detalhes em azulejos artísticos.

No sábado, 4 de Maio, foi a data escolhida com convite para almoçar. O nosso temperamental carinho, muito vosso conhecido, negou-se a sair naquele dia. Alegou que, uma vez que o obrigamos a trabalhar no feriado, tinha agora direito a descanso. Sem vergonha! O carango: só sai uma vez por semana, quando sai. Mas, vá lá! Concordamos com a reivindicação e até que foi bom: fizemos o roteiro turístico que havíamos sugerido a vocês. Subimos a nossa rua a pé até à Estrada do Galeão e aí pegamos um ônibus directo ao ponto final, no Castelo, centro da cidade. Viajar de ônibus em dia de tráfego reduzido como nos fins de semana, é bastante cómodo e económico. Por lei estão isentos de pagamento de passagem os maiores de 65 anos, entrando pela porta dianteira, a da saída. A Guida não perde tal privilégio, eu, entretanto, faço questão de pagar para não assumir a condição de idoso e depois, se fosse o dono da empresa, não gostaria que alguém viajasse de graça.

Percorremos a pé a pequena distância até à Praça XV, apreciando as obras que estão sendo feitas e detivemo-nos na feira de antiquários que se realiza aos sábados naquela praça. Não fosse o compromisso com o Mário e ficaria ali o dia inteiro. É interessante e absorvente andar remexendo nas velharias expostas. Nas colecções de postais, então, é delicioso, para mim, tanto quanto apreciar os motivos retratados, ler a correspondência que está no verso de alguns. Mensagens e recados de dezenas de anos. Não compramos nada mas distraímos nosso ego. Compramos, sim, mais adiante, num caméléo (ambulante) dois alicates que estava precisando. Aliás, só precisava de um mas o homem conseguiu impingir-me os dois com desconto. Pegamos a barca para Niterói e tivemos uma surpresa. Fazia anos que não usávamos aquele meio de transporte e não tínhamos ideia de quanto custava; apenas 45 centavos, menos que o ônibus que custa 50. Sinceramente, quando se dispõe de tempo e em dias calmos, viajar de ônibus, barca ou metro, fica infinitamente mais barato que usar nosso carro. Quando usamos nosso transporte só a taxa de estacionamento, quando se acha estaci-

onamento com vaga, fica dez vezes mais caro que o transporte colectivo.

Agradável a viagem na barca que gasta 15 minutos para atravessar a Baía da Guanabara. Chegadas a Niterói, à Rua da Conceição, a mais tradicional e comercial daquela cidade, é bem em frente. Na passagem entramos na Confeitaria Esportiva, dos irmãos Meleiro, de Golães. Estavam os três, Fernando, José e Amândio, nada atarefados pois além de sábado, àquela hora morta, pouco mais de meio dia, os clientes não apouquentavam. Todos risinhos, os Meleiro, bem dispostos, vendendo saúde, mais gordos, sinal de abundância. Graças a Deus não têm de que se queixar da vida. Abraçamos esses conterrâneos queridos e seguimos.

No «Bella-Blu», onde o Mário introduziu o sistema de comida a quilo, com o que o cliente sai beneficiado, havia mais de vinte variedades de iguarias. No entanto, para festejar a nossa presença o Mário mandou preparar balcão à portuguesa. Nos accepies iniciais tomamos cerveja, bacalhau acompanhamos com vinho verde, branco, «Gazela», e na sobremesa brindamos com vinho do Porto. Claro que o banquete foi ótimo; eu, a Guida, a Ana e o Mário; este, deixou o encargo da gerência com um auxiliar para dispensar toda a atenção a nós. Melhor que a bucalhoada foi o convívio fraternal. Por mais de três horas abrimos nossos corações trocando confidências, pondo nossas vidas ao léu como se estivéssemos num confessionário. Estes encontros fazem um extraordinário bem às nossas almas. Na retirada passamos no Clube Português de Niterói que só conhecia de nome. Ficamos admirados com a grandiosidade e funcionalidade daquela agremiação e vaidosos por se tratar de mais uma grande obra de portugueses.

Ah, sim! O que o Mário pretende em azulejos: fiquei a elaborar um projecto. Valeu, Mário e Ana! dizer que vocês são uns amores é chover molhado. Abraços.

No dia seguinte, domingo, o Armandinho, que fizera anos no dia anterior, telefonou convidando para almoçar com ele e os pais, num restaurante. Agradecemos, mas não foi possível. Na volta do restaurante passaram em nossa casa para, pelo menos, irmos a casa deles confraternizar.

Passamos na feira do Cocotá para trocar uma roupa que a Guida comprara no domingo anterior e saiu grande, e então rumamos para a mansão do amigo Armando Pereira, de Cristóval.

Confesso que fui meio receoso pois a Zilma, na ânsia de querer agradecer,

sempre inventa novidade culinária que, por delicadeza, sou obrigado a experimentar. A última experiência foram os célebres pastéis de arroz, esverdeados e gosmentos...

Esta vez tudo correu bem. Quem assumiu a cozinha foi o Armando preparando deliciosas pizzas. Enquanto estas cozinhavam, o queijo e azeitonas acompanharam o whisky.

Dei uma olhada nos trabalhos escolares do Armandinho que atestam o elevado QI do garoto, avançado demais para os oito anos. Eu não tenho dito que os melgasais além de bonitões são super inteligentes? É isso aí!

O papo e a comezaina não renderam mais porque ao domingo à noite os netos telefonam e temos de estar em casa.

Parabéns, Armandinho! Zilma, obrigado por nos poupar...

O Armando Lima telefonou-me lá de Campo Grande, Matogrosso do Sul. A finalidade era transmitir-me seu pesar pelo falecimento de meu irmão Augusto; pêsames que estende a todos os nossos familiares em Melgaço e na França. Sensibilizado, agradei em nome de todos.

Aproveitando a oportunidade o Armando Lima deu-me conta de sua actual actividade. Para não ficar de bobeira apenas usufruindo rendimentos e aposentadoria, passa o dia na Plutonic, com uma tesourinha, tirando pontos e alinhavos das roupas confeccionadas. A filha Maria Lúcia e o genro Valdir estão satisfeitos com tão valioso auxiliar que nem faz questão de remuneração.

Além dessa actividade tem a seu cargo o transporte das netas, Fabiane e Maiara, ida e volta do colégio, natação e outras actividades desportivas. Tudo isto aparentemente trabalhoso só lhe dá prazer e felicidade. O neto Vinícius, com os seus nove meses, no momento só lhe dá um xixi no colo de vez em quando. Mas no meio de tanta alegria surgiu um tropeço para atrapalhar. Com preguiça de recolher à garagem o carro número dois, o que usa diariamente para tudo, deixou o debaixo duma árvore em frente de casa. Quando a noite pôde ao genro para recolher o veículo, cá dê? Roubaram-lhe o Fusquinha que era tido como membro da família. O abalo sentimental foi maior que o prejuízo monetário.

E nós pensando que só acontecia disso no Rio de Janeiro... Mas lá, naquele interior do país, será fácil recuperar o carango: é só ficar atento a ver se passa algum índio, onça ou jacaré dirigindo automóvel...

Rio, 12/5/96

O Poema que não faz falta

Os feitos ilustrados da existência
De indivíduos ou povos foram lema
De grandes poemas, associando ao tema
Nobrezas de virtude e inteligência

Eu não posso imitá-los, há evidência;
Mas sei bem que se enquadram neste esquema
Dois vultos cuja vida é pura gema
Sem europeís nem escória em sua essência

São os dois Padres Vaz, dois escritores
Além de Jornalistas dos melhores,
Plumas de oiro em serviços repartidas...

E diz-me a Musa: "Eu vou desobrigar-te,
Porque um poema de Fé, de engenho e de arte
Já compôs cada qual em suas vidas!"

Amadeu Torres - Castro Gil

A Voz de Melgaço de há 50 anos!

Cont. da pág. 23

Na 2ª página, aparece uma crónica intitulada «Quanto mais longe da terra, mais a trago no coração», assinada por J.A.A., um artigo sobre a «Ascensão do Senhor», assinado por Sertório; «Noticiário do País e do estrangeiro», uma notícia sobre a festa de Santa Rita, a realizar, nesse ano, em 11 de Junho, sendo pregador o então pároco de Chaviães, Pe. António Domingues, ainda vivo e que depois foi pároco de Parada do Monte e nosso distinguido colaborador, como ainda o é hoje. Também se informa que, a abrilhantar a festa, estaria a banda de música de Melgaço, dirigida pelo competente Mestre Morais.

Na 3ª página, além de algumas seqüências, da 1ª, há um artigo de S.M.V.G., intitulado «O Amor desenfreado», uma nota sobre S. Tomás Moro, outra sobre o poeta Mistral, aos 80 anos e a sua atitude de fé perante a morte que o espreita. Aparecem, ainda, dois apontamentos sobre o «Lavrador», de Richemont, exaltando a sua sublime missão, e uma secção de informações sobre deliberações da Câmara Municipal, presidida por Dr. Eliseo Pimenta, sendo vereadores António Ascensão Afonso e Hilário Alves Gonçalves. Entre outras coisas, sabe-se que passava por deliberação da Câmara o deferimento de internamento em Hospitais; que já havia preocupação com o licenciamento de construção de casas, havendo quem levantasse objecções a certas pretensões, e que não se deu provimento a um pedido de jornal «Vitória», de Lisboa, que pedia 250\$00 para publicar um anúncio da Câmara no jornal comemorativo do 28 de Maio. E isso por não haver verba para tal fim.

De S. Paio, 3 pequenas Notícias: tinha lá estado em serviço de inspecção o Director Escolar de Viana; já tinha havido 18 baptizados! o célebre filho da terra, o famoso fotógrafo Sampaio, tinha estado de visita à família.

Na 4ª página, aparece a 1ª crónica do Pe. Bernardo, intitulada «A nossa terra», aparece uma colaboração extensa sobre Castro Laboreiro, assinada por Castro, de S. Gregório e sobre a Vila, e incluem-se 2 notícias sobre o Hospital: uma rifa dos touros e um donativo de 1000\$00.

RECORDANDO... ...MEDITANDO

50º Aniversário de «A Voz de Melgaço» Parabéns a você...

Como diz a cantiga: Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

Nem todos os jornais e para mais quinzenários se podem gabar de viverem meio século, como a «Voz de Melgaço».

Dignidade, honestidade, defesa sem limites pelos problemas da sua região e das suas gentes e, desde a sua fundação, gerido por pessoas de profunda moral cristã, são a meu ver, os factores que o fizeram chegar às bodas de ouro.

Estou certa que viverá outros tantos anos porque aqueles que o dirigem não o deixarão morrer.

Parabéns, pois, por este meio século, com muitas e muitas flores (simbólicas, é claro!), com desejos de longa vida e prosperidades.

Para o seu Exmº Director e a toda a sua Administração, felicitações bem merecidas, assim como para os que de qualquer forma nele colaboram e trabalham, são os votos sinceros da modesta colaboradora

M.S.

Lisboa, 1-6-96

Cumprindo a Lei

Conforme exigido pela Lei de Imprensa, Artº 7, nº 12, devem as empresas proprietárias de órgãos de comunicação social tornar pública a relação dos detentores de partes sociais das referidas empresas jornalísticas.

No que à «Voz de Melgaço» diz respeito, torna-se público que os detentores de partes sociais na sociedade proprietária «Jornal A Voz de

Melgaço, Lda.» são: Cónego António Luís Vaz, P.º Júlio Hilarião Vaz, ambos com 6,25% cada, e Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz, Dra. Maria do Rosário Salgado Vaz, Dr. Júlio Nepomuceno Vaz, Dr. António Luís Vaz e Eng. Manuel Luís Vergara Vaz, cada um com 17,5% por cento.

A empresa não detém participação em qualquer outra publicação ou órgão de comunicação.



SOLIZENDE
Soc. de Construções, Lda.

CONSTRUÇÃO E VENDA

Vila Praia de Âncora **A 200 METROS DO MAR**

Apartamentos com

- Garagem
- Antena Parabólica
- Parque Infantil
- Gás Canalizado
- Aquecimento Central
- Vistas para o mar

Escritório:
Rua 5 de Outubro, 306
Tel/Fax (058) 951655
4915 - VILA PRAIA
DE ÂNCORA